

Amor humano e vida cristã

índice

NAMORO E VIDA CRISTÃ	2
O SENTIDO DO NAMORO.....	6
APAIXONAR-SE: OS SENTIMENTOS E AS PAIXÕES (1)	9
APAIXONAR-SE (2): PARA PROTEGER O AMOR	15
NAMORO E CASAMENTO: COMO ENCONTRAR A PESSOA CERTA?	18
O MISTÉRIO DO MATRIMÔNIO	22
A VOCAÇÃO AO MATRIMÔNIO	26
O AMOR MATRIMONIAL, COMO PROJETO E TAREFA COMUM	30
OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA MATRIMONIAL.....	34
AMBIENTE DE LAR, ESCOLA DE AMOR.....	38
CRIAR O LAR: UMA TAREFA COMUM QUE DÁ SENTIDO AO TRABALHO.....	42
TRABALHO E FAMÍLIA: DIRETRIZES PARA CONCILIAR	45
FORTALECER O AMOR: O VALOR DAS DIFICULDADES	51
AMOR CONJUGAL.....	55
A INTIMIDADE NO CASAMENTO: FELICIDADE PARA OS ESPOSOS E ABERTURA À VIDA.....	59
A INTIMIDADE NO CASAMENTO: FELICIDADE PARA OS ESPOSOS E ABERTURA À VIDA (2).....	63
AMOR CONJUGAL E VIDA DE PIEDADE.....	67
O BEM DOS FILHOS E A PATERNIDADE RESPONSÁVEL (1).....	70
O BEM DOS FILHOS: A PATERNIDADE RESPONSÁVEL (PARTE 2)	74
O CASAMENTO E O TEMPO QUE PASSA.....	79

NAMORO E VIDA CRISTÃ

Da mesma maneira que o matrimônio é uma chamada à entrega incondicional, o namoro há de considerar-se como um tempo de discernimento para que os namorados se conheçam e decidam dar o próximo passo, entregar-se um ao outro para sempre.

A chamada universal à santidade, que faz parte da doutrina da Igreja, compreende toda a vida do homem[1]. Esta chamada não se limita ao simples cumprimento de uns preceitos, trata-se de seguir a Cristo e parecer-se cada vez mais com Ele. Isto, que humanamente é impossível, pode acontecer quando nos deixamos conduzir pela graça de Deus.

Chamada universal à santidade, também no namoro

Nesta tarefa, não há “tempos mortos”; também o namoro é um momento propício para o crescimento da vida cristã. Viver cristãmente o namoro supõe deixar que Deus esteja entre os namorados, e não de uma maneira chata, mas precisamente para dar sentido ao namoro e à vida de cada um. “fazei deste vosso tempo de preparação para o matrimônio um percurso de fé: redescobri para a vossa vida de casal a centralidade de Jesus Cristo e do caminhar na Igreja”[2].

Qual é o sinal certo e indicador de que se está vivendo um namoro cristão? Quando esse amor ajuda a estar mais próximo de Deus e a amá-lo mais. **“Não duvides: o coração foi criado para amar. Metamos pois Jesus Cristo em todos os nossos amores. Caso contrário, o coração vazio se vinga, e se enche das baixezas mais desprezíveis”**[3].

Quanto mais e melhor se amarem os namorados, mais e melhor amarão a Deus, e o contrário também. Dessa maneira cumprem os primeiros preceitos do decálogo: “Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo”[4].

Aprender a amar

Convém que os namorados alimentem seu amor com boa doutrina, que leiam alguns livros sobre os aspectos cruciais da sua relação: o amor humano, o papel dos sentimentos, o matrimônio, etc. A Sagrada Escritura, os documentos do Magistério da Igreja e outros livros de divulgação são bons companheiros de caminho. É muito recomendável pedir conselho a pessoas de confiança que possam orientar essas leituras, que vão formando sua consciência e gerem temas de conversa que os ajude a se conhecerem.

Além da formação intelectual, é importante que os namorados se apaixonem pela beleza e desenvolvam a sensibilidade. Sem um adequado desenvolvimento desta, fica muito difícil serem pessoas delicadas no trato. É uma boa ideia compartilharem o gosto pela boa literatura, pela música, a pintura, pela arte que eleva o homem e não cair no consumismo.

Virtudes humanas e namoro

Amar supõe dar-se ao outro e se aprende a amar com pequenas lutas.

O namoro **“como toda a escola de amor, deve estar inspirado não pela ânsia da posse, mas pelo espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza”**[5].

Desenvolver as *virtudes humanas* faz-nos pessoas melhores e é o fundamento das virtudes sobrenaturais que nos ajudam a ser bons filhos de Deus e nos aproximam da santidade, à plenitude do homem. Num tempo em que tanto se fala de “motivação”, convém considerar que não há maior motivação para crescer como pessoa que o Amor a Deus e ao namorado ou namorada.

A *generosidade* se demonstra na renúncia, em pequenos atos, àqueles que nós preferimos, para dar gosto ao outro. É uma grande mostra de amor, mesmo que ele ou ela não perceba. Os namorados devem estar *abertos* aos outros, desenvolver as amizades. “Gostaria de vos dizer antes de tudo que eviteis fechar-vos em relações intimistas, falsamente animadoras; fazei antes com que a vossa relação se torne fermento de uma presença ativa e responsável na comunidade”[6].

A dedicação aos amigos, aos necessitados, a participação na vida pública, ou seja, lutar por uns ideais, permite abrir essa relação e fazê-la amadurecer. Os namorados estão chamados a fazer apostolado e dar testemunho de seu amor.

A *modéstia* e a *delicadeza* no trato estão unidas a um Amor (com maiúscula) que transcende o humano e se fundamente no sobrenatural, tendo como modelo o amor de Cristo por sua Esposa, que é a Igreja[7]. Para alcançar esse amor deve-se cuidar dos sentidos e das manifestações afetivas impróprias do namoro, evitando situações que molestem o outro ou possam ser ocasião de tentações ou pecado. Se realmente se ama a uma pessoa, se faz todo o possível por respeitá-la, evitando fazê-la passar por um mal bocado ou fazendo algo que vá contra a sua dignidade. O namoro supõe um compromisso que inclui a ajuda ao outro para ser melhor e uma exclusividade em relação que há que cuidar e respeitar.

Não se pode esquecer o *bom humor* e a *confiança* na outra

pessoa e em sua capacidade de melhorar. É bom crescer juntos no namoro, mas é igualmente importante que cada um cresça como pessoa: isso ajudará e enobrecerá a relação.

A *sobriedade* permite desfrutar das coisas pequenas, dos detalhes. Demonstra mais amor um presente fruto de conhecer pequenos desejos do outro que um grande gasto em algo que é óbvio. Une mais um passeio que ir juntos ao cinema por costume, buscar uma exposição gratuita que ir às compras.

E dentro da sobriedade se poderia enquadrar o bom *uso do tempo livre*. O ócio e o excesso de tempo livre não são uma boa base para crescer em virtudes, conduz ao tédio e a deixar-se levar. Por isso, convém planejar o tempo que se passa junto, onde, com quem, e o que se vai fazer.

Os hábitos (virtudes) e costumes que forem vividos e desenvolvidos durante o namoro são a base sobre a qual se sustentará e crescerá o futuro casal.

As armas dos namorados

Nessa luta para alcançar a santidade os namorados dispõem de ajudas magníficas.

Em primeiro lugar, temos de situar os *Sacramentos*, meios através dos quais Deus concede sua graça. São, portanto, imprescindíveis para viver cristãmente o namoro. Assistir juntos à Santa Missa ou fazer uma breve visita ao Santíssimo Sacramento supõe compartilhar o momento culminante da vida do cristão. A experiência de numerosos casais de namorados confirma que é algo que une profundamente. Se um deles tem menos prática religiosa, o namoro é uma oportunidade para descobrir juntos a beleza da fé, e isto será sem dúvida um ponto de união. Esta tarefa exigirá, geralmente, paciência e bom exemplo, buscando desde o primeiro momento a ajuda da graça de Deus.

Através da *confissão* se recebe o perdão dos pecados, a graça para continuar a luta para alcançar a santidade. Sempre que seja possível, é conveniente recorrer ao mesmo confessor, alguém que nos conheça e nos ajude nas nossas circunstâncias concretas.

Se afirmarmos que Deus é Pai e que a meta do cristão é parecer-se com Jesus, é natural ter um trato pessoal com quem sabemos que nos ama. Por meio da *oração* os namorados alimentam sua alma, fazem crescer seus desejos de avançar em sua vida cristã, dão graças, pedem um pelo outro e pelos demais. É bonito que juntos pronunciem o nome de Deus, de Jesus ou de Maria, por exemplo, rezando o terço ou fazendo uma romaria a Nossa Senhora.

“São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam

também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do *eros*, não é o seu «envenenamento», mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza”[8]. Não podemos esquecer que a *mortificação* supõe renunciar a algo por um motivo generoso, e que toma parte principal na luta ascética para ser santos. Às vezes será ceder na opinião, ou mudar um plano que agrade menos ao outro; ou não ir a alguns lugares ou ver séries ou filmes juntos que possam fazer tropeçar no caminho para ser santos. No amor se encontra o sentido da renúncia.

Viver o namoro com *sobriedade* e preparar da mesma maneira a cerimônia do casamento é uma base formidável para viver um matrimônio cristão. “Mas ao mesmo tempo, é bom que o vosso casamento seja sóbrio e permita salientar aquilo que é verdadeiramente importante. Algumas pessoas estão mais preocupadas com os sinais exteriores, com o banquete, com as fotografias, com as roupas e com as flores... Trata-se de elementos importantes numa festa, mas somente se forem capazes de indicar o motivo autêntico da vossa alegria: a bênção do Senhor sobre o vosso amor”[9].

O namoro não é um parênteses na vida cristã dos namorados, mas um tempo para crescer e compartilhar os próprios desejos de santidade com aquela pessoa que, pelo casamento, porá seu nome em nosso caminho para o céu.

Aníbal Cuevas

[1] Cf. Concílio Vaticano II, *Lumen gentium* (LG), 11,c. Desde 1928, São Josemaria pregou a chamada universal à santidade na Igreja para todos os fiéis; vid., p. ej., *É Cristo que passa*, Rialp, Madrid 1973, 21.

[2] Bento XVI, *Discurso*, Ancona, 11-9-2011.

[3] São Josemaria, *Sulco*, n. 800.

[4] *Mt* 22,37-39.

[5] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 105.

[6] Bento XVI, *Discurso*, Ancona, 11-9-2011.

[7] Cf. *Ef* 5, 21-33.

[8] Bento XVI, *Deus Caritas Est*, n. 5.

[9] Papa Francisco, Audiência, *A alegria do sim para sempre*, 14-2-2014.

O sentido do namoro

Conhecer-se

Para os que foram chamados por Deus à vida conjugal, a felicidade humana depende, em grande parte, da escolha da pessoa com quem vão compartilhar o resto de sua vida no casamento. Isto indica a importância de escolher a pessoa adequada: “A Igreja deseja que, entre um homem e uma mulher, exista primeiro o namoro, para que se conheçam mais, e, portanto se amem mais, e assim cheguem melhor preparados ao sacramento do matrimônio”[1].

Portanto, esta decisão está relacionada com dois parâmetros: *conhecimento* e *risco*; quanto maior o conhecimento menor o risco. No namoro, o conhecimento é a informação da outra pessoa. Neste artigo serão abordados alguns elementos que ajudarão ao conhecimento e ao respeito mútuo entre os namorados.

Atualmente, em alguns ambientes, o conceito "amor" pode receber um sentido errôneo, e isso representa um perigo numa relação onde o compromisso e a entrega *até que a morte os separe* são fundamentais. “Por isso deixará o homem a seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher, e serão os dois uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe”[2]. Por exemplo, se alguém quiser montar um negócio com um sócio que não sabe o que é uma empresa, os dois estarão condenados à falência. Com o namoro acontece algo parecido: é fundamental que ambos tenham a mesma ideia do amor, e que esse conceito seja conforme a verdade, ou seja, ao que é realmente *amor*.

Hoje, muitos casais baseiam o namoro, e também o casamento, no *sentimentalismo*. Às vezes, há atitudes de conveniência e falta de transparência, ou seja, “autoenganos” que depois terminam aparecendo nos fatos. Com o passar do tempo, isto pode converter-se em causa de rupturas matrimoniais. Os namorados têm de querer construir sua relação sobre a rocha do amor verdadeiro, e não sobre a areia dos sentimentos que vão e vem [3].

O conhecimento próprio é essencial para que a pessoa aprenda a distinguir quando uma manifestação afetiva ultrapassa a fronteira de um sentimento ordenado, e entra na esfera do sentimentalismo, talvez egoísta. Neste processo é essencial a virtude da temperança que ajuda a pessoa a ser dona de si mesma, já que “visa impregnar de razão as paixões e os apetites da sensibilidade humana”[4].

Pode-se pensar no amor como um tripé, que tem como pontos de apoio os sentimentos, a inteligência e a vontade. O amor deve ser acompanhado por um tipo de sentimento profundo. Se acreditarmos que o afeto não é ainda suficientemente intenso nem profundo, e que vale a pena manter o namoro, devemos perguntar-nos o que devo fazer para continuar amando (inteligência), e realizar o que decidi (vontade). Naturalmente, convém alimentar a inteligência com boa formação e doutrina, senão se apoiará em argumentos que conduzem ao sentimentalismo.

Tratar-se

O trato mútuo é o caminho para chegar ao verdadeiro conhecimento do outro. A mesma coisa deve acontecer no namoro, que requer uma relação que chegue a temas profundos, relacionados ao caráter da outra pessoa: quais são suas crenças e convicções, quais são seus sonhos, os valores familiares que tem, qual sua opinião sobre a educação dos filhos, etc.

As dificuldades decorrentes do caráter são consequência do dano causado pelo pecado original na natureza humana; portanto, devemos ter em conta que todos temos momentos de mau caráter. Isto pode se atenuar, contando especialmente com a graça de Deus, lutando para fazer a vida mais agradável aos outros. No entanto, é necessário garantir a capacidade de conviver com o modo de ser do outro.

O mesmo acontece com convicções e crenças. São consideradas uma consequência da tradição, da educação recebida, ou de modo racional. No entanto, com frequência não se dá a importância que tem ou se pensa que com o tempo cederão. Podem converter-se numa dificuldade grande e, em muitos casos, motivos de problemas conjugais. É fundamental ter claro que o matrimônio é “de um com uma; (...) A medalha tem verso e anverso. E no verso há dores, abstinências, sacrifícios, abnegação”[5].

Pode vir a ser ingênuo pensar que o outro mudará as suas convicções e crenças ou que o cônjuge o fará mudar. Isso não exclui que as pessoas retifiquem e melhorem com o passar do tempo e a luta pessoal. No entanto, um critério que pode servir é o seguinte: se as suas convicções profundas não se adaptam ao que eu penso sobre como deve de ser o pai ou a mãe dos meus filhos, pode ser prudente cortar, porque não fazê-lo a tempo é um erro que frequentemente leva a uma futura ruptura no casamento. É preciso distinguir o que no outro é uma opinião e o que é uma crença ou convicção. Poderíamos dizer que uma *opinião* é o que

apoio, sem chegar à categoria de convicção, mesmo que ao expressá-la utilizo a palavra “penso”. Por exemplo, se alguém comenta “penso que o casamento é para sempre”, convém saber se se trata de uma opinião ou de uma crença. A opinião comporta exceções, uma crença não; a *crença* é um valor arraigado, uma convicção sobre a qual um casamento pode se sustentar.

Com frequência, já sendo marido e mulher, um dos cônjuges percebe que não conversaram com seriedade durante o namoro sobre o número de filhos, ou a sua educação cristã, ou a forma de viver a sexualidade, questões de importância vital.

O namoro cristão é um tempo para conhecer-se e para confirmar se a outra pessoa concorda no que é fundamental. Portanto não será estranho que ao longo desta etapa um dos dois decida que o outro não é a pessoa adequada para empreender a aventura do casamento.

A personalidade vai se formando com o passar do tempo, e por isso deve-se esperar do outro um nível de maturidade adequado à sua idade. No entanto há alguns parâmetros que podem ajudar a distinguir uma pessoa com possíveis traços de imaturidade: costuma tomar suas decisões em função do seu estado de ânimo, tem dificuldade para ir contra a corrente, seu humor é volúvel, é muito suscetível, costuma ser escravo ou escrava da opinião dos outros, não tolera as frustrações, tende a culpar os outros pelos seus fracassos, tem reações caprichosas que não correspondem à sua idade, é impaciente, não sabe fixar metas nem adiar a recompensa, não consegue renunciar aos seus desejos imediatos, tende a ser o centro de atenção, etc.

Respeitar-se

Como disse o Papa Francisco: “A família nasce deste desígnio de amor, que quer crescer como se constrói uma casa que se torne um lugar de carinho, de ajuda, de esperança e de apoio”[6]. O namoro cresce como aspiração ao amor total a partir do respeito mútuo, que no fundo é o mesmo que tratar o outro como o que é: uma pessoa.

“O período do namoro, fundamental para construir o casal, é um tempo de expectativa e de preparação, que deve ser vivido na castidade dos gestos e das palavras. Isto permite amadurecer no amor, na solicitude e nas atenções ao outro; ajuda a exercer o domínio de si, a desenvolver o respeito do outro, características do verdadeiro amor que não procura em primeiro lugar a própria satisfação nem o seu bem-estar” [7].

Este fato comporta diversas consequências que se fundamentam é na dignidade humana: não se pode pedir ao namorado ou à

namorada o que não pode ou não deve dar, caindo em chantagens emocionais; por exemplo, em relação a manifestações afetivas ou de índole sexual, mais próprias da vida matrimonial que do namoro.

O trato mútuo entre os namorados cristãos deverá ser o que têm duas pessoas que se amam, mas que ainda não decidiram entregar-se totalmente ao outro em matrimônio. Por isso deverão ser delicados, elegantes e respeitosos, sendo conscientes da sua condição de homem e mulher, apagando as primeiras faíscas de paixão que podem aparecer, evitando pôr o outro em circunstâncias limites.

Como conclusão, podemos afirmar que um namoro bem vivido, no qual se conheça bem e se respeite a outra pessoa, será o meio mais adequado para ter um bom casamento, seguindo o conselho do Papa Francisco: “Viver juntos é uma arte, um caminho paciente, bonito e fascinante. [...] Este caminho de cada dia possui regras que podem ser resumidas naquelas três palavras [...] com licença, ou seja, «posso» e desculpa”[8].

José María Contreras

[1] São Josemaria, *Anotações de uma reunião familiar*, 31-10-1972.

[2] *Mc* 10,7-9.

[3] Cf. Papa Francisco, Audiência, *A alegria do sim para sempre*, 14-2-2014.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, 2341.

[5] São Josemaria, *Anotações de uma reunião familiar*, 21-6-1970.

[6] Papa Francisco, Audiência, *A alegria do sim para sempre*, 14-2-2014.

[7] Bento XVI, *Aos jovens do mundo na XXII Jornada Mundial da Juventude 2007*.

[8] Papa Francisco, Audiência, *A alegria do sim para sempre*, 14-2-2014.

APAIXONAR-SE: OS SENTIMENTOS E AS PAIXÕES (1)

O que é apaixonar-se

Os sentimentos são o modo mais frequente de experimentar a vida afetiva. E podemos defini-los da seguinte maneira: *são estados de ânimo difusos, que tem sempre uma tonalidade positiva ou negativa, que nos aproximam ou afastam daquilo que temos diante de nós.* Tratarei de explicar esta definição que proponho:

- 1 A frase *estados de ânimo* significa algo que é sobretudo *subjetivo*. A experiência é interior. É uma vivência que circula dentro dessa pessoa.
- 2 A palavra *difuso* quer dizer que a informação que recebemos não é clara, precisa, mas um pouco vaga, etérea, pouco nítida, de perfis nebulosos e esfumaçados, e que mais tarde torna-se mais clara na percepção dessa pessoa.
- 3 A *tonalidade é sempre positiva ou negativa* e como consequência aproxima ou afasta, se procura esse algo ou o rejeita. Não existem sentimentos neutros; o tédio, que poderia parecer uma manifestação afetiva próxima à neutralidade, é negativo e está perto do mundo depressivo. Todos os sentimentos têm duas faces contrapostas: amor-desamor, alegria-tristeza, felicidade-infortúnio, paz-ansiedade, etc.

O enamoramento é um sentimento positivo de atração por outra pessoa e que faz com que a busquemos com insistência. O enamoramento é um fato universal e de grande importância, pois daí brotará o amor, que dará lugar nada mais e nada menos que à constituição de uma família.

Se pensássemos no enamoramento como uma certa “doença”, deveríamos destacar dois tipos de *sintomas*. Uns sintomas *iniciais*, que são suas primeiras manifestações.

Para enamorar-se de alguém tem de produzir-se uma série de condições prévias que possuem um relevo enorme.

A primeira é a *admiração*, que pode dar-se por diversos fatores: pela coerência de sua vida, por seu espírito de trabalho, pelas dificuldades que soube superar, por sua capacidade de compreensão e um longo etcetera.

A segunda é a *atração*, que no homem é mais *física* e na mulher mais *psicológica*; para o homem significa a tendência de buscá-la, relacionar-se com ela de alguma forma, estar com ela [1]. E isto implica uma mudança de conduta: *o pensar muito nessa pessoa* ou dito de outro modo, *tê-la na cabeça*. A mente se vê invadida por essa figura que uma e outra vez preside os pensamentos.

E em seguida vêm duas notas que me parecem especialmente

interessantes: *o tempo psicológico se torna rápido*, o que significa que se alegra tanto com sua presença, que o tempo voa, tudo vai muito depressa: gosta-se de estar com ele/ela e essa presença é saboreada; e aparece depois, *a necessidade de compartilhar...*, que desliza por uma rampa que acaba na *necessidade de empreender um projeto de vida em comum*.

A sequência pode não ser sempre linear, mesmo que vá aparecendo aproximadamente assim, com os matizes que se queira: tudo está presente de um modo ou de outro: *admiração, atração física e psicológica, ter a cabeça comprometida, o tempo subjetivo corre positivamente e se quer compartilhar tudo com esta pessoa*.

Porém nesse itinerário afetivo ainda não se revelou o que chamo de os *sintomas essenciais* do apaixonar-se, aqueles que são raiz e fundamento de tudo o que virá depois, e que consiste em dizer a alguém: *não vejo a minha vida sem você*, minha vida não tem sentido sem que você esteja ao meu lado. *Você é parte essencial de meu projeto de vida*. Em termos mais claros: *preciso de você*. Essa pessoa torna-se imprescindível.

Apasionar-se-se é a forma mais sublime do amor natural. É criar uma “mitologia” privada com alguém. É descobrir que se encontrou a pessoa adequada com quem caminhar juntos pela vida. É como uma revelação repentina que ilumina toda a existência [2]. Trata-se de um encontro singular entre um homem e uma mulher que se detém em frente um do outro. Nesse deter-se emerge a ideia central: *compartilhar* a vida, com tudo o que isso significa.

Os 3 principais componentes do amor conjugal

“Mas, o que entendemos por “amor”? – questionou o Santo Padre – Só um sentimento, uma condição psicofísica? Certamente, se for assim, não se pode construir nada sólido em cima. Mas se o amor é uma relação, então é uma realidade que cresce e também podemos dizer, a modo de exemplo, que se constrói como uma casa. E a casa se edifica em companhia, não sozinhos!... Não queremos construí-la sobre a areia dos sentimentos que vão e vêm, mas sobre a rocha do amor verdadeiro, o amor que vem de Deus”[3].

Um dos erros mais frequentes sobre o amor consiste em pensar que é acima de tudo um *sentimento* e que esta é a dimensão chave do mesmo. Também se diz que os sentimentos vão e vem, movem-se, oscilam, estão sujeitos a muitos avatares ao longo da vida. Esta falha conceitual percorreu quase todo o século XX.

“Vê-se, pois, que a passagem do enamoramento ao noivado e, depois, ao casamento requer várias decisões, experiências interiores. (...) Ou seja: o enamoramento deve tornar-se verdadeiro amor, envolvendo a vontade e a razão num caminho – o caminho do noivado – de purificação, de maior profundidade, de tal modo que realmente o homem inteiro, com todas as suas capacidades, com o discernimento da razão, a força da vontade, possa dizer: «Sim, esta é a minha vida»[4].

Ninguém põe em dúvida que o amor nasce de um sentimento, que é enamorar-se e experimentar uma vivência positiva que convida a ir atrás dessa pessoa. Porém para concretizar mais os fatos que quero esmiuçar, vou às Normas do Ritual Romano do Matrimônio [5], em que se realizam três perguntas de enorme importância:

- *Quereis a esta pessoa...?*
- *Estais decididos a...?*
- *Estais dispostos a...?*

Vou deter-me nestas três questões, porque daí se tira o *verdadeiro tríptico do amor*, o que constitui o fim e como que o cume do enamoramento. Cada uma delas nos remete numa direção bem precisa, vejamos.

A primeira utiliza a expressão *quereis*. E há que dizer que *querer é sobretudo um ato da vontade*. Dito de outro modo: no amor maduro a vontade se coloca em primeiro plano, e não é outra coisa que *a determinação de trabalhar o amor escolhido*. A vontade atua como um estilete que busca corrigir, polir, limar e cortar as arestas e partes negativas da conduta, sobretudo aquelas que afetam uma sã convivência. Vai ao concreto [6].

Por isso, a vontade tem de representar um papel excepcional, sabendo, além disso, fazê-la funcionar com alegria [7]. Isto o sabem bem os casais que têm muitos anos de vida em comum, com uma relação estável e positiva.

A segunda pergunta utiliza a expressão *estais decididos?* A palavra *decisão* remete a uma escolha, que não é outra coisa que *um ato da inteligência*. A inteligência deve atuar *antes e durante*. *A priori*, sabendo escolher a pessoa mais adequada. A escolha tem que ser capaz de discernir se essa é a melhor pessoa que já se conheceu, e a mais apropriada para estar com ela a vida toda [8]. É a lucidez de ter os cinco sentidos bem despertos. Por isso, *inteligência* é saber distinguir o acessório do fundamental; é capacidade de síntese. Inteligência é saber captar a realidade em sua complexidade e em suas conexões. E deve atuar também *a posteriori*, utilizando os instrumentos da razão para levar com arte e ofício a outra pessoa. Esse *saber levar* está repleto do que

atualmente se chama *inteligência emocional*, que é a qualidade para mesclar, encaixar e reunir ao mesmo tempo, inteligência e afetividade [9]: capacidade imprescindível para estabelecer uma convivência harmônica, equilibrada, e feliz.

O terceiro ingrediente do amor do casal, ainda que o tenhamos mencionado no princípio são os *sentimentos*. A pergunta seguinte que se faz no Rito do matrimônio é: *estais dispostos?* A *disposição* é um estado de ânimo mediante o qual nos *dispomos* para fazer algo. Em sentido estrito isto depende da afetividade, que está formada por um conjunto de fenômenos de natureza subjetiva que movem a conduta. E como já comentamos, se expressam de forma habitual através dos *sentimentos*[10].

Que quer dizer isto, e quais são as características que aqui devem dar-se? As pessoas, homem e mulher, devem casar-se quando estiverem *profundamente enamorados um do outro*. Não se trata de apenas sentir-se atraído ou que goste ou lhe chame a atenção. Tem que ser muito mais que isso. Por quê? Porque se trata da *opção fundamental*. Não há outra decisão tão importante e que marque tanto a existência, se trata nada mais nada menos da pessoa que vai percorrer o itinerário biográfico ao nosso lado.

Estamos vendo muitos fracassos em pessoas que se casaram sem estarem apaixonadas de verdade, porque estiveram noivos por anos ou “porque tinham de casar-se” ou porque muitas das amizades mais próximas já estavam casadas ou para não ficarem solteiros/as; e assim poderíamos dar muitas outras respostas inadequadas, se esse casamento começa já com umas premissas pouco sólidas...., amores que nascem mais ou menos com materiais de demolição e que, antes ou depois, têm mal prognóstico.

O amor conjugal deve estar estruturado nestas três notas: sentimento, vontade e inteligência. Tríptico forte, consistente. Cada um com seu próprio âmbito, que por sua vez se une à geografia do outro. “É uma aliança pela qual o homem e a mulher constituem entre si um consórcio de vida, ordenado ao bem dos cônjuges e a geração e educação da prole”[11]. Deste modo se aspira a alcançar uma *íntima comunidade de vida e amor*, pois se trata de um *vínculo sagrado*, que não pode depender do arbítrio humano [12], porque está arraigado no sentido sobrenatural da vida, tendo a Deus por seu principal artífice.

Enrique Rojas

[1] Há duas modalidades, portanto, de atração, que são a *beleza exterior*, por um lado, e a *beleza interior*, por outro. A primeira se

refere à certa harmonia que se reflete especialmente no rosto e em tudo o que ele representa; todo o corpo depende do rosto, ele é programático, anuncia a vida que essa pessoa leva por dentro. E portanto o corpo é uma totalidade. Os dois aspectos formam um binômio. A segunda, a *beleza interior*, deve ser descoberta ao conhecer ao outro, e consiste em ir adivinhando as qualidades que tem e que estão escondidas no seu interior e que é necessário ir captando gradualmente: sinceridade, exemplaridade, valores humanos sólidos, sentido espiritual da vida, etc.

[2] São João Paulo II expressou isto com riqueza de argumentos no seu livro *Amor e responsabilidade*. O amor matrimonial é a opção fundamental, que implica a pessoa na sua totalidade.

[3] Papa Francisco, *Discurso para os noivos*, 14-02-2014.

[4] Bento XVI, Intervenção no VII Encontro mundial das Famílias, Milão, 2-06-2006.

[5] Cf. *Rito do Matrimônio*.

[6] Há que saber distinguir bem, neste contexto, *metas* e *objetivos*; ambos são conceitos que se parecem, mas entre os dois há claras diferenças. As *metas* costumam ser gerais e amplas, enquanto que os *objetivos* são a médio prazo. Por exemplo, numa relação matrimonial com dificuldades, a *meta* seria resolver essas desavenças mais ou menos em atos, o que realmente costuma ser difícil no começo. Os *objetivos* como veremos depois, são mais concretos: aprender a perdoar (e a esquecer) as lembranças negativas, por as prioridades do outro nas coisas do dia a dia, não mostrar a lista de erros do passado, etc. À hora de melhorar na vida conjugal, é decisivo ter objetivos bem determinados e segui-los.

[7] O fim de uma educação adequada é a alegria. Educar é converter alguém em pessoa. Educar é seduzir com valores que não caem de moda, e cujo resultado final é patrocinar alegria.

[8] Dom Quixote, num determinado momento, disse uma sentença completa: “o que acerta em casar, já não espera no que acertar”.

[9] Foi Daniel Goleman o elaborador deste conceito. Remetemos aqui ao seu livro *A inteligência emocional*. Hoje é um tema de primeira atualidade em Psicologia moderna.

[10] Existem quatro modos de viver a afetividade: *sentimentos*, *emoções*, *paixões* e *motivações*. Cada um oferece um olhar distinto. Os *sentimentos* constituem a vida real da afetividade, o modo mais frequente de vivê-la. As *emoções* são estados mais breves e intensos, que, além disso, acompanham-se de manifestações somáticas (alegria transbordante, pranto, distúrbio gástrico, dificuldade respiratória, opressão precordial, etc). As

paixões apresentam uma maior intensidade e tendem a nublar o entendimento ou a embaralhar a ação da inteligência e seus recursos. E finalmente, *motivações*, cuja palavra procede do latim *motus*: o que move, o que empurra a realizar algo; são o fim, e também, portanto, o motor do comportamento, o porquê de fazer isto e não aquilo. Entre as quatro existem estreitas relações.

[11] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1601 ss. Em outras páginas se define o amor entre um homem e uma mulher como *humano, total, fiel e fecundo*. E se cada uma dessas características se abrisse como um leque nos ofereceria toda sua riqueza (vid. *ibid.*, 1612-1617).

[12] É importante saber proteger o amor. Evitar aventuras psicológicas que levem a conhecer a outras pessoas e iniciar com elas certa relação, talvez a princípio de pouco relevo, mas que pode chegar a um enamoramento, *não desejado a princípio*, porém que depois de um tempo pode ser uma ameaça ao casamento. Cuidar da fidelidade em seus mínimos detalhes é a chave. E isso tem muito a ver com a *vontade*, por um lado, e com *ter uma vida espiritual forte*, por outro.

APAIXONAR-SE (2): PARA PROTEGER O AMOR

Alguns remédios contra o desamor

O casamento, como o namoro antes, “deve estar inspirado não pela ânsia da posse, mas pelo espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza” [1].

Amar não é suficiente, é preciso saber amar; que é governar, dirigir e canalizar esse sentimento para condutas de atuação diária que alcancem a meta final do amor: conseguir que o outro seja feliz, uma pessoa realizada. Isto se resume em procurar que as nossas escolhas enriqueçam os momentos em que estamos juntos, todos os dias. Para isso não basta habitualmente pôr carinho, é preciso valer-se de experiência, avaliar com prudência as situações e agir com inteligência.

Se cuidarmos com esmero do relacionamento, teremos muitas possibilidades de sucesso, que se concretizará no crescimento pessoal e também da relação entre os dois. “Não devemos deixar-nos vencer pela ‘cultura do provisório’ (...). O medo do «para sempre» cura-se dia após dia, confiando-se ao Senhor Jesus numa vida que se torna um caminho espiritual quotidiano, feito de

passos, de pequenos passos, de passos de crescimento comum”[2].

De qualquer forma, deixamos aqui algumas ideias sobre o que se pode fazer caso se chegar a uma situação conjugal difícil. Antes, convém lembrar que não é o mesmo uma *crise conjugal* que se arrasta desde faz tempo, e as *dificuldades conjugais* que muitas vezes aparecem, sobre as quais é preciso ter ideias claras para saber como superá-las.

Entre as duas coisas, *crises* e *dificuldades naturais*, existe uma gama de formas diversas, onde há diversas possibilidades razoáveis de ação. Estes *remédios psicológicos e espirituais* devem ser aplicados de forma operativa, com a intenção de melhorar algo, corrigir ou incluir no comportamento algum ingrediente imprescindível que ainda não está presente:

a) *Aprender a perdoar*. O perdão é um grande ato de amor. E tem dois segmentos: perdoar e depois procurar esquecer. Perdoar e esquecer é perdoar duas vezes. Só são capazes de fazê-lo as pessoas generosas, com grandeza de espírito, que sabem reconhecer seus erros e querem corrigir-se[3].

b) *Não mostrar a lista de agravos do passado*. Impedir que apareça na comunicação a coleção de reprovações que fomos acumulando ao longo dos anos, pois contém um efeito demolidor, muito destrutivo. Nos casais que se amam, esses fatos ficam guardados numa gaveta e não saem nunca. Nunca é nunca. E a isso se chama domínio de si mesmo, capacidade de fechar as feridas e deixá-las para trás. O domínio de si é imprescindível para a entrega total de si mesmo.

c) *Evitar discussões inúteis*. Um princípio decisivo de higiene conjugal, própria do casamento, é este: não discutir. De uma discussão forte, raramente sai a verdade. E há mais desabafo e desejo de ganhar do outro no debate, que busca de um acordo entre as partes.

d) *Rezar juntos*. Compartilhar a fé sempre, e tirar a força para continuar, especialmente nos momentos difíceis ou depois de um desencontro. Saber colocar Deus no centro do casamento, com uma naturalidade sobrenatural, onde o divino e o humano se misturam[4].

e) *Não falar nunca de separação*. Esta é uma observação que tem muito a ver com a convivência diária. Em situações negativas, em momentos ruins, é preciso pôr todos os meios para que a palavra *separação* não apareça em nenhum momento. Nem como ameaça nem como chantagem. E menos ainda se um dos dois sabe que pode perder o controle de si mesmo e soltar essa

expressão.

f) *Depois de um dia ou momento mau, ou de uma experiência negativa e dolorosa, devemos evitar os silêncios prolongados.* A psicologia moderna conhece bem o efeito negativo que provoca no casal passar horas ou dias sem falar; tal atitude gera uma tensão emocional maior que convida cada uma das partes, individualmente, a fazer uma crítica do outro, com o conseqüente desgaste que isso acarreta.

g) *Manter uma sexualidade saudável, positiva e cheia de cumplicidade.* A sexualidade conjugal é de enorme importância. A negligência neste campo tem efeitos muito negativos. É preciso que dialogar e buscar pontos de acordo. A sexualidade é uma linguagem do amor comprometido. É a máxima doação. O ato conjugal deve consistir numa relação íntegra, onde quatro grandes aspectos da personalidade se reúnem e formam uma grande sinfonia: deve ser um ato físico (genital), psicológico, espiritual e biográfico. Todos juntos e ao mesmo tempo.

h) *Tornar-se hábil na comunicação interpessoal.* É uma tarefa diária. São lições que se aprendem gradualmente. São estratégias simples, porém de grande eficácia: deixar o outro falar, e ouvir com atenção; não desqualificar sem dialogar, se tem opiniões diferentes das próprias; buscar modos respeitosos de falar, para pedir algo, e em geral para dirigir-se ao outro; evitar gestos de desprezo, críticas ou frases ofensivas. Numa palavra, promover um clima psicológico sereno, evitando posturas radicais ou amargas, estimulando as boas maneiras, com elegância e educação.

Em resumo, temos de tentar colocar em prática todo um conjunto de comportamentos positivos e equilibrados em que devemos trabalhar – pessoalmente e como casal – e aprender com paciência e bom humor.

Enrique Rojas

[1] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, 105.

[2] Papa Francisco, Discurso para os noivos, 14-02-2014.

[3] Sobre este importante aspecto da convivência familiar, vid. também Papa Francisco, Discurso aos noivos, 14-02-2014: “Aprendamos a reconhecer os nossos erros e a pedir desculpa. «Desculpa, se hoje levantei a minha voz»; «desculpa, se passei sem cumprimentar»; «desculpa, se cheguei atrasado», «desculpa, se esta semana estive tão silencioso», «desculpa, se falei demais, sem nunca escutar»; «desculpa, se me esqueci»; «desculpa, se

eu estava com raiva e te tratei mal». Cada dia podemos pedir muitas vezes «desculpa». É também deste modo que uma família cristã prospera. Todos nós sabemos que não existe uma família perfeita, ou um marido perfeito, ou uma esposa perfeita. Nem sequer falemos de uma sogra perfeita... Existimos nós, pecadores”.

[4] São especialmente interessantes, para este tema, duas homilias de São Josemaria Escrivá: “Rumo à santidade”, em *Amigos de Deus*, que está cheia de sugestões para melhorar a vida interior pessoal, com conselhos adequados para a pessoa dos nossos dias; e, também “O matrimônio, vocação cristã”, em *É Cristo que passa*.

NAMORO E CASAMENTO: COMO ENCONTRAR A PESSOA CERTA?

Uma das tarefas mais importantes do namoro é passar da fase romântica, a um amor mais efetivo e livre. Considera-se que o enamoramento é um fenômeno tipicamente afetivo, ou seja, a constatação de que alguém origina em outro sentimentos especiais que o inclinam a abrir a intimidade, e que dão a todas as circunstâncias e fatos uma cor nova e distinta. Esta passagem se realiza graças a um aprofundamento no conhecimento mútuo e a um ato claro de entrega de si por vontade própria.

Nesta etapa é importante conhecer realmente o outro, e verificar se existe um entendimento básico entre os dois para compartilhar um projeto de vida conjugal e familiar: "que se queiram - aconselhava São Josemaria- que conversem, que se conheçam, que se respeitem mutuamente, como se cada um fosse um tesouro que pertence ao outro" [1].

Ao mesmo tempo, não basta conviver e conhecer mais ao outro em si mesmo; também é preciso parar e analisar a relação entre os dois. Convém pensar como é e como atua o outro *comigo*; como sou e como atuo eu *com ele*; e como é a própria relação em si.

O namoro, uma escola de amor

De fato, uma coisa é como é uma pessoa, outra como se comporta em relação a mim (e vice versa), e outra diferente é como é relação em si mesma. Por exemplo, se se apoia excessivamente no sentimento e na dependência afetiva. Como

afirma São Josemaria, o namoro "deve ser uma ocasião para aprofundar o afeto e o conhecimento mútuo. E, como toda a escola de amor, deve estar inspirado não pela ânsia da posse, mas pelo espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza" [2].

Para aprofundar no conhecimento mútuo é preciso fazer-se algumas perguntas: que papel desempenha – e com que consequências– a atração física? Qual é a dedicação mútua que existe (seja de presença, ou de comunicação através do mundo de outros meios: telefone celular, SMS, Whatsapp, Skype, Twitter, Instagram, Facebook etc.)? Com quem e como nos relacionamos como casal, e como se comporta cada um com a família e amigas ou amigos do outro? As áreas de independência na atuação pessoal de cada um são respeitadas – ou faltam campos de atuação conjunta? Como é a distribuição do tempo livre? Quais são os motivos profundos que nos levam a seguir adiante na relação? Como evolui e que efeitos produz em cada um? Que valor cada um dá à fé na relação?...

É preciso considerar que, como afirmava São João Paulo II, "Muitos fenômenos negativos que hoje se lamentam na vida familiar derivam do fato que, nas situações novas, os jovens não só perdem de vista a justa hierarquia dos valores, mas, não possuindo critérios seguros de comportamento, não sabem como enfrentar e resolver as novas dificuldades. Contudo a experiência ensina que os jovens bem preparados para vida familiar, em geral, têm mais êxito do que os outros" [3].

Logicamente, também é importante conhecer a situação real do outro em aspectos que não fariam parte do namoro: comportamento familiar, profissional e social; saúde e doenças relevantes; equilíbrio psíquico; os recursos econômicos que tem, e como os utiliza, projeção de futuro; capacidade de compromisso e honestidade com as obrigações assumidas; serenidade e equanimidade ao abordar as questões ou situações difíceis; etc.

Companheiros de viagem

É oportuno saber que tipo de caminho quero percorrer com meu *companheiro de viagem*, na fase inicial, o namoro. Comprovar se alcançamos os sinais do caminho, sabendo que depois será meu companheiro na peregrinação da vida. Os *meeting points* devem ser atingidos, um depois do outro. Para isso podemos nos colocar agora algumas perguntas concretas e práticas que não se referem tanto ao conhecimento do outro como pessoa, mas visam examinar o estado do namoro em si mesmo.

Quanto crescemos desde que começamos o namoro? Como

amadurecemos – ou não – do ponto de vista humano e cristão? Há equilíbrio e proporção no que diz respeito a cabeça, o tempo, o coração? Existe um conhecimento cada vez mais profundo e uma confiança cada vez maior? Sabemos bem quais são os pontos fortes e os pontos fracos pessoais e do outro, e procuramos ajudar-nos a tirar o melhor de cada um? Sabemos ser compreensivos – para respeitar o modo de ser de cada um e sua velocidade de progresso em seus esforços e lutas – e ao mesmo tempo exigentes: para não nos acomodarmos pactuando com os defeitos de um e outro? Valorizo os aspectos mais positivos no relacionamento? A este respeito disse o Papa Francisco: “fazer com que o amor se torne normal, e não o ódio, fazer com que se a entreatajuda se torne comum, não a indiferença ou a inimizade” [4]. No momento de amar e expressar o carinho, temos como primeiro critério não tanto as manifestações sensíveis, mas a busca do bem do outro antes do próprio? Existe uma maturidade afetiva, pelo menos inicial? Compartilhamos realmente valores fundamentais e existe entendimento mútuo a respeito do plano futuro de casamento e família? Sabemos conversar sem inflamar-nos quando as opiniões são diferentes ou aparecem desacordos? Somos capazes de distinguir o importante do secundário e, em consequência, cedemos quando são detalhes sem importância? Reconhecemos os próprios erros quando o outro nos adverte? Damo-nos conta de quando, em que e como o amor próprio ou a suscetibilidade entram? Aprendemos a tolerar os defeitos do outro e ao mesmo tempo ajudá-lo no seu esforço para melhorar? Procuramos proteger a exclusividade da relação e evitar interferências afetivas que não são compatíveis com ela? Perguntamo-nos com frequência como melhorar o nosso modo de nos tratarmos e a própria relação?

O modo como vivemos o nosso relacionamento está intimamente relacionado com a nossa fé e as nossas virtudes cristãs em todos os seus aspectos? Damos valor ao fato de que o casamento é um sacramento, e lhe damos a mesma importância para a nossa vocação cristã?

Um projeto de vida futura

Os aspectos tratados, ou seja, o conhecimento do matrimônio – o que significa casar-se, e as suas consequências para a vida conjugal e familiar – o conhecimento do outro em si e em relação a mim, e o conhecimento de mim mesmo e do outro no namoro, podem ajudar os dois a discernir sobre a escolha da pessoa adequada para a futura união matrimonial. Obviamente, cada um dará maior ou menor relevância a um ou outro aspecto, mas, em

todo caso, terá como base alguns dados objetivos dos quais partir para fazer seu juízo: lembremos que não se trata de pensar “quanto o amo” ou “como estamos bem”, mas decidir sobre de um projeto comum e muito íntimo da vida futura. O Papa Francisco, ao falar da família de Nazaré dá uma perspectiva nova que serve de exemplo para a família, e que ajuda a planejar o compromisso matrimonial: “os caminhos de Deus são misteriosos. Mas ali o importante era a família! E isto não constituía um desperdício!” [5]. No caso do matrimônio, não é possível fechar um contrato com cláusula de sucesso garantido, porém podemos mergulhar no mistério, como o de Nazaré, onde construir uma comunidade de amor.

Assim se pode detectar a tempo carências ou possíveis dificuldades, e pôr os meios – sobretudo se parecem importantes – para tentar resolvê-las antes do casamento: nunca se deve pensar que o matrimônio é uma “varinha mágica” que fará desaparecer os problemas. Por isso a sinceridade, a confiança e a comunicação no namoro podem ajudar muito a decidir de maneira adequada se convém ou não prosseguir essa relação concreta visando o casamento.

Casar-se significa querer ser esposos, ou seja, querer instaurar a comunidade conjugal com sua natureza, propriedades e fins: “Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união” [6].

Este ato de vontade implica duas decisões: querer esta união – a matrimonial –, que procede do amor sponsal próprio da pessoa enquanto feminina e masculina, e querer estabelecê-la com a pessoa concreta do outro contraente. O processo de escolha dá lugar a diversas etapas: o encontro, o enamoramento, o namoro e a decisão de se casar. “A preparação dos jovens para o matrimônio e para a vida familiar é necessária hoje mais do que nunca (...). A preparação para o matrimônio deve ver-se e atuar-se como um processo gradual e contínuo” [7].

Juan Ignacio Bañares

[1] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 11.02.1975

[2] Questões atuais do cristianismo, 105.

[3] São João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 66.

[4] Papa Francisco, audiência geral, 17.12.2014.

[5] Papa Francisco, audiência geral, 17.12.2014.

[6] Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, n. 48.

[7] São João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 66.

O MISTÉRIO DO MATRIMÔNIO

A realidade humana do matrimônio

O casamento é uma realidade *natural*, que responde ao modo de ser pessoa, homem e mulher. Nesse sentido a Igreja ensina que “O próprio Deus é o autor do matrimônio” (GS 48, 1). “A vocação para o matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador”[1].

Nos seus aspectos fundamentais, o casamento não é uma criação cultural, pois só o matrimônio reflete plenamente a dignidade da união entre homem e mulher. Suas características não foram estabelecidas por nenhuma religião, sociedade, legislação ou autoridade humana; nem foram selecionadas para configurar distintos *modelos* matrimoniais e familiares segundo as preferências do momento.

Nos desígnios de Deus, o matrimônio *segue* a natureza humana, suas propriedades são reflexo desta natureza.

A relação especificamente matrimonial

O matrimônio tampouco nasce de um tipo de acordo entre duas pessoas que querem estar juntas mais ou menos estavelmente. Nasce de um *pacto conjugal*: do ato livre pelo qual um homem e uma mulher se entregam e recebem mutuamente para constituir um casal, fundamento e origem de uma família.

A *totalidade* dessa doação mútua é a chave daquilo em que consiste o casamento, porque dela derivam suas qualidades essenciais e seus fins próprios.

Por isso, é *entrega* irrevogável. Os cônjuges deixam de ser donos exclusivos de si nos aspectos conjugais, e passam a pertencer ao outro tanto como a si mesmos. Um *se deve* ao outro: não só *estão* casados, mas *são* esposos. Sua identidade pessoal foi modificada pela relação com o outro, que os une “até que a morte os separe”. Esta *unidade de dois* é a mais íntima que existe na terra. Já não está em seu poder deixar de ser esposo ou esposa, porque se fizeram “uma só carne”[2].

Uma vez nascido, o vínculo entre os esposos já não depende de sua vontade, mas da natureza – no fundo, de Deus Criador –, que

os uniu. Sua liberdade já não se aplica à possibilidade de *ser* ou *não ser* esposos, mas a procurar ou não viver de acordo com a verdade do que são.

A "totalidade" natural da entrega especificamente matrimonial

Na realidade, só a entrega como dom total de si e uma aceitação também total corresponde às exigências da dignidade da pessoa. Esta totalidade só pode ser *exclusiva*. Enquanto os dois cônjuges viverem, é impossível a entrega se ocorrer uma mudança simultânea ou alternativa no casal.

Outra consequência é a entrega e aceitação de cada um no seu futuro: a pessoa cresce no tempo, não se limita a um episódio. Só é possível entregar-se totalmente para sempre. Esta entrega total é uma afirmação da liberdade de ambos os cônjuges.

Totalidade significa, além disso, que cada esposo entrega sua pessoa e recebe a do outro, não de modo seletivo, mas em todas as suas dimensões com um significado conjugal.

O matrimônio, especificamente, é a união de um homem e com uma mulher, baseada na diferença e complementariedade sexual, que – não por acaso – é o caminho natural da transmissão da vida (aspecto necessário para que ocorra a *totalidade*). O casamento é pela sua própria natureza potencialmente fecundo: esse é o fundamento natural da família.

Entrega mútua, exclusiva, perpétua e fecunda são as características próprias do amor entre homem e mulher na sua plenitude humana de significado.

Desde antigamente, a reflexão cristã chamou a estas características *propriedades essenciais* (unidade e indissolubilidade) e *fins* (o bem dos esposos e o dos filhos) não para impor arbitrariamente *um modelo de matrimônio*, mas para expressar a fundo a verdade “do princípio”[4].

A sacralidade do matrimônio

A íntima comunidade de vida e amor que tem como fundamento a aliança matrimonial de um homem e uma mulher reflete a dignidade da pessoa humana e a sua vocação radical para o amor, e como consequência, a felicidade. O matrimônio, já na sua dimensão natural, possui um caráter *sagrado*. Por esta razão a Igreja fala do *mistério* do matrimônio[5].

O próprio Deus, na Sagrada Escritura, usa a imagem do matrimônio para dar-se a conhecer e expressar seu amor aos homens[6]. A unidade dos dois esposos, criados a imagem de Deus, contém de certo modo a semelhança divina, e ajuda-nos a vislumbrar o mistério do amor de Deus, que está além do nosso conhecimento imediato[7].

Porém, a criatura humana ficou profundamente afetada pelas feridas do pecado. E também o matrimônio foi obscurecido e perturbado[8]. Isto explica os erros, teóricos e práticos, que ocorrem em relação à sua verdade.

Não obstante, a *verdade da criação* permanece arraigada na natureza humana[9], de modo que as pessoas de boa vontade se sentem inclinadas a *não conformar-se* com uma versão rebaixada da união entre homem e mulher. Esse verdadeiro sentido do amor – mesmo com as dificuldades encontradas – permite a Deus, entre outros modos, o dar-se a conhecer e realizar gradualmente seu plano de salvação, que culmina em Cristo.

O matrimônio, redimido por Jesus Cristo

Na sua pregação, Jesus ensina de um modo novo e definitivo, a verdade originária do matrimônio[10]. A “dureza de coração”, consequência da queda, tornava os homens incapazes de *compreender integralmente* as exigências da entrega conjugal, e *considerá-las realizáveis*.

Porém, chegada a *plenitude os tempos*, o Filho de Deus “revela a verdade originária do matrimônio, a verdade do 'princípio', e, liberando o homem da dureza do coração, “torna-o capaz de a realizar inteiramente”[11], porque “é seguindo a Cristo, na renúncia a si próprios e tomando a sua cruz, que os esposos poderão «compreender» o sentido original do matrimônio e vivê-lo com a ajuda de Cristo”[12].

O matrimônio, sacramento da Nova Lei

Ao estabelecer o matrimônio entre batizados como sacramento[13], Jesus leva a uma plenitude *nova*, sobrenatural, seu significado na criação e sob a Lei Antiga, plenitude à que já estava ordenado interiormente[14].

O matrimônio sacramental converte-se em causa pela qual os cônjuges recebem a ação santificadora de Cristo, não só individualmente como batizados, mas pela participação da *unidade dos dois* na Nova Aliança com que Cristo se uniu à Igreja[15]. Assim, o Concílio Vaticano II o chama “imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja”[16].

Isto significa, entre outras coisas, que essa união dos esposos com Cristo não é *extrínseca* (ou seja, como se o matrimônio fosse uma circunstância a mais da vida), mas *intrínseca*: ocorre através da eficácia sacramental, santificadora, da própria realidade matrimonial[17]. Deus procura os esposos, e permanece com eles como garantia do seu amor conjugal e da eficácia da sua união para fazer presente entre os homens Seu Amor.

Portanto, o sacramento não é principalmente a *cerimônia*, mas o

matrimônio, ou seja, a “unidade dos dois”, que é “sinal permanente” (por sua unidade indissolúvel) da união de Cristo com sua Igreja. Daí que a graça do sacramento acompanhe aos cônjuges durante toda a sua existência[18].

Desse modo, “o conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa (...). Numa palavra, trata-se de características normais do amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e as consolida, mas eleva-as a ponto de as tornar a expressão dos valores propriamente cristãos”[19].

Desde muito cedo, a consideração deste significado pleno do casamento, sob a luz da fé e com as graças que o Senhor lhe concedia para compreender o valor da vida ordinária nos planos de Deus, levou São Josemaria a considerá-lo uma verdadeira e própria vocação cristã: “Os casados estão chamados a santificar seu matrimônio e a santificar-se nessa união; cometerão por isso um grave erro, se edificarem sua conduta espiritual de costas e à margem de seu lar”[20].

[1] Catecismo da Igreja Católica, n. 1603.

[2] *Mt* 19,6.

[3] Bento XVI, *Discurso aos namorados*, Ancona, 11-9-2011.

[4] Cf. *Mt* 19,4.8.

[5] Cf. *Ef* 5,22-23.

[6] Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1602.

[7] Cf. Bento XVI, *Deus Caritas Est*, n. 11.

[8] Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1608.

[9] Cf. *ibid.*

[10] Cf. *Mt* 19,3-4.

[11] São João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 13.

[12] Catecismo da Igreja Católica, 1615.

[13] Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1617.

[14] Cf. São João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 13.

[15] Cf. *Ef* 5,25-27.

[16] *Gaudium et Spes*, n. 48.

[17] Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1638 ss.

[18] Cf. São João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 56.

[19] São João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 13.

[20] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 23

A VOCAÇÃO AO MATRIMÔNIO

Um das palavras do Papa Francisco, no encontro com as famílias em Manila, deram a volta ao mundo: “Não é possível uma família sem o sonho. Numa família, quando se perde a capacidade de sonhar, os filhos não crescem, o amor não cresce; a vida debilita-se e apaga-se. Por isso, recomendo-vos que à noite, ao fazer o exame de consciência, vos ponhais também esta pergunta: Hoje sonhei com o futuro dos meus filhos? Hoje sonhei com o amor do meu esposo, da minha esposa? Hoje sonhei com os meus pais, os meus avós que fizeram a vida avançar até mim?” [1].

Sonhar

Esta capacidade de sonhar está relacionada com o entusiasmo que colocamos nos nossos horizontes e esperanças, especialmente em relação às pessoas. Em outras palavras: os bens ou as realizações que desejamos para elas; as esperanças que cultivamos em relação a elas. A capacidade de sonhar equivale à capacidade de pôr o sentido de nossa vida naqueles que amamos. Por isso é algo característico de cada família.

Desde o início, São Josemaria contribuiu para lembrar, seguindo os ensinamentos da Igreja, que o matrimônio – semente da família – é, no sentido mais pleno da palavra, uma chamada específica à santidade dentro da comum vocação cristã: um caminho vocacional, diferente, mas complementar ao do celibato – seja sacerdotal ou laical – ou à vida religiosa. “O amor que conduz ao matrimônio e à família pode ser também um caminho divino, vocacional, maravilhoso, por onde corra, como um rio em seu leito, uma completa dedicação ao nosso Deus” [2].

Por outro lado, esta chamada de Deus no casamento não significa diminuir as exigências para seguir a Jesus. Pois, como “todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” [3], os esposos cristãos encontram na vida matrimonial e familiar a matéria da sua santificação pessoal, ou seja, da sua identificação com Jesus Cristo: sacrifícios e alegrias, prazeres e renúncias, o trabalho no lar e fora dele, são elementos com os quais, sob a luz da fé, é construído o edifício da Igreja.

Sonhar, para um cristão, com a esposa ou com o esposo, é olhar para ele com os olhos de Deus. É contemplar a realização do projeto que o Senhor pensou e quer para cada um, e para os dois na sua relação matrimonial. É desejar que esses planos divinos se tornem realidade na família, nos filhos – se Deus os enviar –, nos avós, e nos amigos que a providência coloca ao nosso lado para

nos acompanhar na viagem da vida. É, em resumo, a possibilidade de que cada um veja o outro como seu *caminho* pessoal para o céu.

O segredo da família

Cristo fez do casamento um caminho divino de santidade, para encontrar a Deus no meio das ocupações diárias, da família e do trabalho, para elevar a amizade, as alegrias e as penas – porque não há cristianismo sem dor –, e as mil pequenas coisas da casa ao nível eterno do amor. Aí está o segredo do casamento e da família. Assim se antecipa a contemplação e a alegria do céu, onde encontraremos a felicidade completa e definitiva.

No contexto desse “caminho divino” de amor matrimonial, São Josemaria falava do significado cristão, profundo e belo, da relação conjugal: “nos outros sacramentos a matéria é o pão, o vinho, a água... Aqui são os corpos. (...) Eu vejo o leito conjugal como um altar; ali está a matéria do sacramento” [4]. A expressão *altar* é surpreendente, e ao mesmo tempo é consequência lógica de uma leitura profunda do matrimônio, cujo núcleo é a *una caro*[5]: a união completa dos corpos humanos, criados à imagem e semelhança de Deus.

A partir desta perspectiva entendemos o fato de os esposos cristãos expressarem a característica do sacramento do matrimônio através da linguagem da corporeidade: com sua entrega mútua, louvam e glorificam a Deus, anunciam e realizam o amor entre Cristo e a Igreja, reforçando a obra do Espírito Santo nos corações. E daí vem, para os esposos, para a sua família e para o mundo, uma corrente de graça, de força e de vida divina que renova tudo.

Isto requer uma preparação e uma formação contínua, uma luta positiva e constante. “Os símbolos fortes do corpo – observa o Papa Francisco – possuem as chaves da alma: não podemos tratar os vínculos da carne com superficialidade, sem causar ao espírito alguma ferida perene” [6].

O vínculo que surge a partir do consentimento matrimonial fica impresso e se enriquece pelas relações íntimas entre os esposos. A graça de Deus que receberam no batismo encontra um novo conduto que não se justapõe ao amor humano, mas o assume. O sacramento do matrimônio não supõe um acréscimo externo ao casamento natural; a graça sacramental específica transforma os cônjuges por dentro, e ajuda-os a viver a sua relação com exclusividade, fidelidade e fecundidade: “É importante que os

esposos adquiram o sentido claro da dignidade de sua vocação, sabendo que foram chamados por Deus para atingir também o amor divino através do amor humano: que foram escolhidos, desde a eternidade, para cooperar com o poder criador de Deus, pela procriação e depois pela educação dos filhos; que o Senhor lhes pede que façam, do seu lar e da vida familiar inteira, um testemunho de todas as virtudes cristãs” [7].

Os filhos são sempre o melhor “investimento”, e a família a “empresa” mais sólida, a maior e a mais fascinante das aventuras. Cada um desempenha o seu papel, e assim todos contribuem, porém o romance final é muito mais interessante do que a soma de cada história, porque Deus age e faz maravilhas.

Daí a importância de saber compreender – os esposos entre si e aos filhos –, de aprender a pedir desculpas, de amar – como ensinava São Josemaria – também os defeitos do outro, desde que não ofendam a Deus[8]. “Na vida dos cônjuges, quantas dificuldades se resolvem, se conservarmos um espaço para o sonho, se nos detivermos a pensar no cônjuge e sonharmos com a bondade, com as coisas boas que tem. Por isso, é muito importante recuperar o amor através do sonho de cada dia. Nunca deixeis de ser namorados!” [9].

Parafraseando o Papa, poderíamos acrescentar: que os esposos nunca deixem de sentar-se para compartilhar e recordar os momentos bonitos e as dificuldades que atravessaram juntos, para considerar as circunstâncias que trouxeram sucessos ou fracassos, para recuperar um pouco de entusiasmo, ou para pensarem juntos na educação dos filhos.

A base do futuro da humanidade

A vida conjugal e familiar não consiste em instalar-se numa existência confortável e segura, mas dedicar-se um ao outro e dedicar tempo com generosidade aos outros membros da família, começando pela educação dos filhos – que inclui promover o aprendizado das virtudes, e a iniciação na vida cristã –, para abrir-se continuamente aos amigos, a outras famílias, e especialmente aos mais necessitados. Deste modo, pela coerência da fé vivida em família, comunica-se a boa notícia – o Evangelho – de que Cristo continua presente e convida-nos a segui-lo.

Para os filhos, Jesus se revela através do pai e da mãe; pois para os dois, cada filho é, em primeiro lugar, um filho de Deus, único e irrepetível, com quem Deus foi o primeiro a sonhar. Por isso, João Paulo II podia afirmar que “*O futuro da humanidade passa pela família*” [10].

As famílias que não puderam ter filhos

E que sentido poderiam dar ao seu casamento os casais cristãos que não têm filhos? A esta pergunta, São Josemaria respondia que, antes de tudo deveriam pedir a Deus que os abençoasse com filhos, se essa fosse a sua Vontade, como abençoou os Patriarcas do Antigo Testamento; e depois que procurassem um bom médico. “Se apesar de tudo, o Senhor não lhes dá filhos, não tem de ver nisso uma nenhuma frustração: tem de estar contentes, descobrindo nesse mesmo fato a Vontade de Deus para eles. Muitas vezes o Senhor não dá filhos porque pede mais. Pede que tenham o mesmo esforço e a mesma entrega delicada, ajudando aos próximos, sem a grande alegria humana de ter tido filhos: não há, pois, motivo para sentirem-se fracassados nem para dar lugar à tristeza”.

E acrescentava: “Se os esposos têm vida interior, compreenderão que Deus os insta, impelindo-os a fazer de sua vida um generoso serviço cristão, um apostolado diferente do que realizariam com seus filhos, mas igualmente maravilhoso. Se olham à sua volta, descobrirão imediatamente pessoas que necessitam de ajuda, de caridade e de carinho. Há, além disso, ocupações apostólicas em que podem trabalhar. E, se souberem pôr o coração nessa tarefa, se souberem dar-se generosamente aos outros, esquecendo-se de si próprios, terão uma fecundidade esplêndida, uma paternidade espiritual que encherá a sua alma de verdadeira paz” [11].

São Josemaria gostava de se referir às famílias dos primeiros cristãos: “Famílias que viveram de Cristo e que deram a conhecer Cristo. Pequenas comunidades cristãs, que atuaram como centros de irradiação da mensagem evangélica. Lares iguais aos outros lares daqueles tempos, mas animados de um espírito novo, que contagiava os que os conheciam e com eles se relacionavam. Assim foram os primeiros cristãos e assim havemos de ser nós, os cristãos de hoje: semeadores de paz e de alegria, da paz e da alegria que Jesus nos trouxe” [12].

Ramiro Pellitero

[1] Papa Francisco, *Discurso no Encontro com as famílias*, Manila, Filipinas, 16-01-2015.

[2] Cf. São Josemaria, Homilia “Amar o mundo apaixonadamente”, em *Questões atuais do Cristianismo*, n. 121; cf. “O matrimônio, vocação cristã”, em *É Cristo que passa*.

[3] *Rm* 8, 28.

[4] São Josemaria, *Anotações tomadas de uma reunião familiar* (1967), citado no *Dicionário de São Josemaria*, Burgos 2013, p. 490.

[5] Cf. *Gn* 2, 24; *Mc* 10, 8.

[6] Papa Francisco, *Audiência geral*, 27-05-2015.

[7] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 93.

[8] Cf. São Josemaria, *Anotações de uma reunião familiar*, 7-07-1974.

[9] Papa Francisco, *Discurso no Encontro com as famílias*, Manila, Filipinas, 16-01-2015.

[10] São João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 86.

[11] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 96.

[12] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 30.

O AMOR MATRIMONIAL, COMO PROJETO E TAREFA COMUM

A unidade é o segredo da vitalidade e a fecundidade em todos os níveis da vida. A desagregação é o sinal da morte física por excelência.

Quando se trata da unidade entre um homem e uma mulher, para formar uma família, a unidade não deve ser só biológica, mas também espiritual. O amor matrimonial começa pelo sentimento, mas consolida-se pela unidade de objetivos, desejos e aspirações no projeto de vida comum. “A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente: se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente”^[1].

Sem o apaixonar-se, a espécie humana dificilmente sobreviveria, porém o enamoramento é só – ou principalmente – o momento prévio ao amor duradouro. Permanecer no amor não é um ideal nem uma questão que concerne só aos bons costumes, à moralidade, ou à fé; é também uma exigência da biologia humana: está na base do que constitui a família.

Por exemplo, o nascimento humano é absolutamente único, diferente, em comparação com qualquer espécie animal. Pouco antes do parto, uma descarga hormonal faz com que o cérebro do feto se desenvolva. E isto, fora do que seria esperado em um mamífero: os macacos vivem o desenvolvimento equivalente à infância e a adolescência no seio materno; os humanos, ao contrário, nascemos prematuros: vivemos fora, sobre a terra, em

família o desenvolvimento da infância e da juventude.

As crianças – graças a seu cérebro poderoso – aprendem a vida em tempo real. Este fato natural – biológico – exige uma estabilidade no matrimônio. Por isso, alguns autores dizem que o casamento indissolúvel é uma exigência da natureza, mais do que um produto de tradições culturais ou crenças religiosas, ou uma invenção do Estado.

Quando o sentimento inicial que dá lugar ao enamoramento desemboca no matrimônio, o amor se converte em um compromisso de toda vida para completar-se mutuamente. Cada cônjuge alcança no outro a sua plenitude. O compromisso que se contrai é muito mais que “viver com”, é viver *para* o outro, o que significa assumir o destino pessoal ao amor – à felicidade, ao céu –, entregando a própria vida pelo outro.

Os filhos no projeto comum

Dentro do projeto familiar, a formação dos filhos – quando eles vem – é talvez a principal tarefa. Desde pequenos, precisam sentir a unidade espiritual na vida de seus pais. “Desde o princípio, os filhos são testemunhas implacáveis da vida dos pais (...). As coisas que vão acontecendo em casa influenciam para o bem e para o mal os vossos filhos. Procurem dar-lhes bom exemplo, procurem não esconder que rezam, procurem ser limpos na conduta (...). Por isso, deveis ter vida interior, lutar por ser bons cristãos”^[2].

Tão importante como o alimento, o vestuário ou a escolha da escola, é a formação naquelas pautas, atitudes e convicções que tornam possível a vida plena das pessoas. A vida é unidade, e se queremos que os filhos tenham critérios claros, necessitam palpar cotidianamente o amor mútuo de seus pais; o seu consenso sobre as coisas importantes no desenvolvimento da família; e, sobretudo, têm que descobrir de diferentes modos, mas em detalhes concretos, que são aceitos pelo que *são*; os filhos têm que perceber nos gestos dos pais a afirmação de sua existência: que bom e que belo é que *você* esteja conosco, que forme parte da nossa família!

Se os filhos vivem em uma atmosfera de realidades e não de caprichos, será mais fácil que aprendam a abnegar-se, e que, a seu tempo, queiram repetir o modelo. É certo que cada filho é uma história diferente, que eles próprios escrevem à medida que vão amadurecendo, porém também é certo que num clima habitual de conflito e de instabilidade é muito mais difícil amadurecer devidamente. São Josemaria sugere a esse respeito: “**Fala com eles apresentando algumas razões, para que percebam que**

devem atuar de outra maneira, porque assim agradam a Deus”[3].

Quando os filhos veem que seus pais se amam, sentem-se seguros; isto contribui para dar estabilidade ao seu caráter: crescem com serenidade e com energia para viver. Se, além disso, os pais procuram conviver o maior tempo possível com eles, aprenderão as exigências da entrega aos outros como por osmose, ficarão contagiados pelo carinho dos pais e se diminuirão os temores e possíveis ansiedades.

Família versus individualismo

A família surge de um enlace onde dois se tornam um, ligados por um vínculo contraído livremente. O amor, para ser humano e livre, deve lutar por manter o compromisso assumido, quaisquer que sejam as circunstâncias.

O segredo do amor é querer que o outro seja feliz. Se os pais se comportam assim, os filhos aprendem o amor na sua própria fonte. Não são dois projetos singulares reunidos ou misturados, mas um só que enriquece a vida de ambos. A profissão de cada um, mesmo que vivida com entusiasmo, é reforçada com o projeto comum. Se, ao trabalhar, cada um pensa no outro, profissão e família se apoiam mutuamente; e os chamados “problemas de conciliação” entre trabalho e família encontram solução de acordo com a vocação da família.

No casamento cria-se a atmosfera que impede o individualismo egoísta e facilita o amadurecimento pessoal. Aqui a mulher, como disse o Papa Francisco, tem um papel especial: “As mães são o antídoto mais forte contra o propagar-se do individualismo egoísta. «Indivíduo» quer dizer «que não se pode dividir». As mães, ao contrário, «dividem-se», a partir do momento que hospedam um filho para dar à luz e fazer crescer”[4].

A mulher e o homem maduros sabem praticar, com sentido comum, o respeito à autonomia e personalidade do outro. É mais, cada um vive a vida do outro como própria. Neste sentido, a expressão formarão “uma só carne”[5] diz tudo. O mandato de Deus é uma proposta de vida em comum para sempre, que implica uma entrega total e exclusiva; poderíamos dizer que se trata de um chamado ao amor verdadeiro e comprometido. Ao mesmo tempo, temos a possibilidade de não aceita-lo. Porém acolher em liberdade o convite de quem é a própria Vida é uma segurança de felicidade. “Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do Matrimônio, Deus, por assim dizer, «espelha-se» neles, imprime neles os seus lineamentos e o

carácter indelével do seu amor. O matrimônio é o ícone do amor de Deus por nós. Com efeito, também Deus é comunhão: as três Pessoas do Pai, Filho e Espírito Santo vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita. É precisamente nisto que consiste o mistério do Matrimônio: dos dois esposos Deus faz uma só existência. A Bíblia usa uma expressão forte e diz «uma só carne», tão íntima é a união entre o homem e a mulher no matrimônio! Eis precisamente o mistério do matrimônio”[6]. A família, seguindo este programa, há de imitar a vida divina no amor e no desdobramento de sua fecundidade. O individualista – o “*single man*”, a “*single woman*” –, está completamente no oposto. Se quer viver e fazer viver, o casal deve seguir as instruções que Ele mesmo nos deu no princípio, “crescei e multiplicai-vos”[7].

Deus é uma vida de relação permanente[8]. E quis estabelecer com os homens uma Aliança de amor. No matrimônio, o “vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo”[9]. Por isso uma ruptura formal é tão grave, em qualquer situação.

Na fidelidade matrimonial está a felicidade. Deus foi fiel conosco, dando-nos todos os bens: em primeiro lugar, o próprio amor do casal e dos filhos. Se os filhos amadurecem na fidelidade dos pais, aprendem o segredo da felicidade e do sentido da vida.

O edifício social, por outro lado, se constrói com tijolos que são as famílias e sobre algumas bases, a confiança de todos para com todos. Se não existir fidelidade no âmbito familiar – nem respeito, nem confiança –, também não haverá na sociedade.

M^a Ángeles García Castro de la Peña
Armando Segura Naya

[1] São João Paulo II, Exh. ap. *Familiaris consortio*, 11.

[2] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 12-IX-1972.

[3] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 24-XI-1972.

[4] Papa Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.

[5] *Mt* 19, 6.

[6] Papa Francisco, *Audiência*, 2-IV-2014.

[7] *Gn* 1, 28 e 2, 24.

[8] Cfr. São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, q. 40, a. 2 e 3

[9] São João Paulo II, Exh. ap. *Familiaris consortio*, 12.

OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA MATRIMONIAL

A decisão está tomada. O namoro, período de verificação do amor, cumpriu a sua missão e permitiu exclamar: é ele! É ela! Durante esse tempo, os namorados se ajudaram a adquirir as virtudes necessárias para alcançar a posterior comunhão matrimonial de vida e por toda ela.

Não nos apaixonamos por um robô pré-estabelecido na nossa imaginação. Se fosse assim, teríamos bloqueado a experiência do amor, pois ele aparece sempre como uma revelação, como uma chamada inédita e imprevisível, por isso é maravilhoso. Há alguém realmente diante de nós, e inaugura-se uma tarefa apaixonante: o descobrimento gradual do outro, pois, amar, de certo modo, é revelar e revelar-se diante do amado ou amada.

A tarefa de amar, que é uma liberalidade, é também uma arte que sugere um programa para a vida inteira. “Primeiro, que se amem muito (...) – recomendava São Josemaria. Depois, que não tenham medo à vida; que amem todos os defeitos de um e de outro quando não sejam ofensa a Deus”. E mais adiante: “Já te disseram, e tu sabes isso muito bem, que pertences ao teu marido e ele a ti”. Neste mesmo sentido aconselhava: “Rezem um pouco juntos. Não muito, mas um pouquinho todos os dias. Não lhe jogues nada na cara, não o aborreças com ninharias”[1].

Nos primeiros anos de casamento se juntam dois perfis psicológicos, duas biografias pessoais, duas culturas familiares, dois estilos que precisam se encaixar. Não se trata de pedir ao outro que se anule por nossa causa. “*Se meu marido se anula, o que vai sobrar para eu amar?*”[2]. Não vamos ao casamento para perder a nossa personalidade, mas ganhamos uma personalidade nova, a da nossa mulher ou do nosso marido.

Educação sentimental para o amor

A educação sentimental nos primeiros meses e anos de vida em comum é de vital importância. Cada cônjuge, como qualquer pessoa, experimentará maior sintonia em relação a hábitos e costumes próprios da sua família de origem (ordem, horários, sequências, rotinas familiares, vigências sociais, normas de educação, modos de estar e comportar-se, disposição das coisas da casa, da mesa do armário, etc.), porque nela foram educados seus sentimentos. Poderá ter discordado em mil assuntos com os seus pais, porém seus sentimentos foram modelados por essa biografia familiar prévia que já não se apaga, e, nesses hábitos e rotinas, sentir-se-á mais à vontade.

A partir do momento em que nos casamos, temos de fazer “vista grossa” dessas preferências não para anulá-las, insisto, mas para colocá-las no mesmo nível que aquelas com que nossa mulher ou marido contribuem para o casamento. Tudo isso nasce de uma confiança mútua, reflexo da confiança que Deus colocou em cada um de nós.

Comentando o segundo capítulo do Gênesis sobre a criação, ensina o Papa Francisco: “Assim era o homem, pois lhe faltava algo para alcançar a sua plenitude, faltava-lhe a reciprocidade”. A imagem da «costela» “não exprime de modo algum uma inferioridade ou subordinação mas, pelo contrário, que o homem e a mulher são da mesma substância, são complementares, e que também possuem esta reciprocidade. (...). E sugere também algo mais: para encontrar a mulher – e, podemos dizer, para encontrar o amor na mulher – o homem deve primeiro sonhá-la e depois encontrá-la.

A confiança que Deus tem no homem e na mulher, aos quais confia a terra, é generosa, direta e completa. Confia neles. No entanto, eis que o maligno introduz na sua mente a suspeita, a incredulidade e a desconfiança. (...) Também nós o sentimos dentro de nós muitas vezes, todos! O pecado gera desconfiança e divisão entre o homem e a mulher”[3].

O *nós* que consiste a essência do matrimônio constrói-se com as vivências pessoais de cada um dos dois, sem outorgar *a priori* maior valor às experiências de um ou outro. Temos de ir contrastando-as juntos e decidir os novos modos que constituirão nosso projeto comum e as nossas pequenas “tradições” familiares. É que o casamento não consiste em conviver com alguém que se some ao nosso próprio projeto pessoal, mas em elaborar junto com essa pessoa aquele que será o nosso único e irrepitível projeto conjugal, que depois teremos de defender diante de todos, inclusive os mais próximos.

Esse posicionamento respeitoso perante a cultura familiar do nosso cônjuge será uma ajuda valiosa no momento de nos relacionarmos com a família política. O trato e o carinho que devemos à família da nossa mulher, ou do nosso marido, ganhará valor ao conhecermos, com carinho, o seu estilo familiar, com o qual iremos aprendendo e assimilando o que for oportuno na convivência diária.

Ao mesmo tempo, se formos capazes de desenvolver um estilo conjugal e familiar próprio com traços fortes e nítidos, identificáveis, a família política de ambos os lados ver-se-á convidada a respeitar essa identidade familiar e conjugal que

soubemos criar e transmitir. Pelo contrario, quando o nosso projeto vital for difuso, os outros, principalmente se nos amam, sentir-se-ão impelidos a prover-nos de um modelo a seguir, inclusive com indevidas, embora bem-intencionadas, intromissões. Como a construção deste projeto, do *nós* que falamos, está integrada essencialmente por renúncias mútuas, é muito provável que alguns costumes novos nos pareçam alheios e nos custe a princípio identificar-nos com eles. Não importa. Se há amor e equilíbrio, é questão de tempo. Assim aconteceu conosco com tantos hábitos e práticas (de piedade, por exemplo) que eram estranhos para nós ao descobri-los, e que com o tempo integraram-se na nossa vida até formar parte do nosso eu.

Nesses primeiros anos, também teremos que definir o estilo de vida a respeito do uso do tempo, do descanso e diversão, dos gastos; no trabalho, nos planos conjuntos, na dedicação a algum trabalho voluntário ou social, na integração e acomodação da vida de piedade – tanto pessoal como familiar – e em outros muitos campos de atuação que irão surgindo.

Comunicação centrada no outro

A comunicação na pessoa é abrangente. Comunicamos com tudo e em todos os momentos, porém não deixa de ser uma técnica na qual podemos melhorar. Este não é o lugar para muitos aprofundamentos, mas pode ser útil centrar o tema comunicação conjugal considerando os seus objetivos.

Quando a comunicação se dirige a um objetivo imediato e efêmero (que alguém compre para mim um bem ou contrate um serviço, por exemplo), o interesse está centrado em mim, então a técnica utilizada dirige-se a provocar uma mudança no outro (que compre). Quando a comunicação busca um bem mais intenso e duradouro (uma boa relação de trabalho), o interesse está centrado na própria relação, e a técnica orienta-se a ambos (eu cedo em algo sem grandes transformações pessoais, mas exijo que o outro também o faça). Quando a comunicação vai atrás de uma meta íntima e definitiva (amar alguém para sempre), então o interesse centra-se no outro, e a técnica se dirige a si mesmo (eu quero mudar para te fazer feliz!).

Poderíamos, pois, afirmar-se que na mesma medida em que me concentro em mim, exigirei que o outro mude e se adapte aos meus desejos; ao contrário, se me concentro no outro, tentarei mudar eu e adaptar-me a ele.

Este é o enfoque adequado: “diante de qualquer dificuldade na vida de relação, todos deveriam saber que existe uma única pessoa que deve agir para fazer com que a situação melhore: ele

mesmo. E isso sempre é possível. Geralmente, no entanto, exige-se que seja o outro cônjuge que mude e quase nunca se consegue (...) se você quer mudar o seu cônjuge, muda primeiro você em alguma coisa”[4].

Fecundidade de amor e de vida

Os primeiros anos de casamento constituem o momento certo para pôr os fundamentos do amor. E o fundamento natural do amor, de qualquer amor, é a fecundidade. Todo amor é fecundo, tende a expandir-se, é fértil material e espiritualmente. A esterilidade nunca foi atributo do amor. Ele não é avarento nem mesquinho; *a medida do amor é amar sem medida*, dizia Santo Agostinho.

Um amor que se baseia no cálculo, na conta, na limitação é um amor que se nega a si mesmo. Todo amor transborda, é excêntrico, convida a sair de si mesmo, é rico em detalhes, em atenções, em tempo, em dedicação..., e também em filhos, se Deus os enviar, pelo menos na intenção.

Além dessa fecundidade genérica, própria de qualquer amor, o canal natural, específico, o mais próprio, o que distingue o casamento dos outros amores humanos é a possibilidade de transmitir a vida: os filhos. “Assim a tarefa fundamental da família é o serviço à vida. É realizar, através da história, a bênção originária do Criador, transmitindo a imagem divina pela geração de homem a homem (cfr. Gn 5,1-3)”[5].

Nesse terreno, portanto, a característica do amor é a fecundidade, pelo menos o desejo, pois a fecundidade biológica nem sempre depende de nós, e de fato, há casais com dificuldades para ter filhos que são exemplo de fecundidade, precisamente em sua abertura profunda ao cônjuge e a toda a sociedade. Um amor matrimonial que se fecha voluntariamente à possibilidade de transmitir a vida seria um amor morto, que se nega a si mesmo e, evidentemente, não seria matrimonial.

Uma questão diferente é o número: quem pode pôr número ao amor?...Mais ainda, quem pode julgar e medir o amor de outros em um número? É preciso ter muito cuidado e não julgar nunca, pois pode haver motivos para adiar o nascimento dos filhos (respeitando a natureza própria das relações conjugais). Porém o princípio deve ficar claro: o próprio do amor é a fecundidade, não a esterilidade. E os filhos, como são pessoas, são pensados um a um com liberdade e generosidade, ou seja, com amor.

Javier Vidal-Quadras

[1]São Josemaria, *Anotações de uma tertúlia*, Santiago de Chile, 7/07/1974.

[2]M. Brancatisano, *La gran aventura*.

[3]Francisco, Audiencia geral, 22/04/2015.

[4]Ugo Borghello, *Le crisi dell'amore*, Edizioni Ares

[5]São João Paulo II, *Ex. ap. Familiaris consortio*, n. 28.

AMBIENTE DE LAR, ESCOLA DE AMOR

I. Uma família *em saída*: dar e receber

A família é uma célula aberta a serviço da sociedade, não é uma instituição fechada, longínqua e de âmbito estritamente privado; como diz o Catecismo da Igreja Católica: “A família é a *célula originária da vida social*. E a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações dentro dela constituem os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade no conjunto social. A família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem assimilar os valores morais, tais como honrar a Deus e usar corretamente a liberdade. A vida em família é iniciação para a vida em sociedade”[1]. De acordo com isso, podemos dizer que a família é o *âmbito natural do amor*.

Esse amor, próprio dos cônjuges, é querer que o outro exista e que exista bem, não de qualquer maneira: porque te amo, busco o seu bem, a sua felicidade. Com a chegada dos filhos, o amor entre os esposos cresce, se multiplica e se manifesta na busca do bem para cada filho, em querer o melhor para eles – em todos os aspectos: físico, emocional, espiritual, etc. Porém como a família não fica fechada em si mesma, mas transcende a sua própria esfera e se incorpora à sociedade – mais ainda, sem família, não há sociedade –, esse amor que começou sendo dos esposos e logo desembocou nos filhos está chamado também a estender-se: todos merecem participar do amor que a família irradia, que se manifesta no desejo do bem.

Para conseguir que o amor cresça, cada família tem de procurar aumentar a sua capacidade de dar e receber. Em algumas ocasiões ocorre uma tendência a dividir a profunda unidade dar-

receber; o resultado é a desagregação da família, pois parece que “o dar é para os pais; o receber é dos filhos. E o resultado é um conjunto de seres humanos pouco unidos pelo amor familiar: pais sacrificados, filhos mais ou menos irresponsáveis... Ambos devem dar e receber. Em primeiro lugar, *dar*, porque toda pessoa é um ser de contribuições. E então, *receber* para dar mais, para dar melhor”[2]. Como diz Enrique Rojas: “O amor não é egoísta. Sua única referência é o outro. O amor acaba com a vida solitária”. Porém esse amor precisa ser *concretizado*. A este respeito comenta o Papa Francisco: “*O amor... não é o amor das novelas. Não, é outra coisa. O amor cristão tem sempre uma qualidade: o concreto (...) o próprio Jesus, quando fala de amor, nos fala de coisas concretas: dar de comer aos famintos, visitar aos enfermos...*”.

O Papa nos sugere dois critérios. O *primeiro* é que o amor está mais nas obras do que nas palavras. O próprio Jesus disse: não são os que me dizem “Senhor, Senhor”, os que falam muito, que entrarão no reino dos céus; mas aqueles que cumprem a vontade de Deus. É o convite, portanto, a estar no «concreto» cumprindo as obras de Deus. Assim, o primeiro critério é *amar com as obras, não só com as palavras*. O *segundo* é este: *no amor é mais importante dar que receber*. A pessoa que ama dá – vida, coisas, tempo –, se entrega a si mesma a Deus e aos outros. Ao contrário, a pessoa que não ama e que é egoísta busca sempre receber. Busca sempre tirar vantagem[3].

Hoje em dia, há muitas pessoas necessitadas de ajuda, por causa de diversas circunstâncias: a fome, a imigração por culpa da guerra, as vítimas de abusos e violências e do terrorismo; pessoas afetadas por catástrofes naturais; outros perseguidos por causa da sua fé; o drama do aborto e da eutanásia; o desemprego, sobretudo dos jovens; idosos que vivem em solidão. Todas estas realidades convivem de uma maneira ou outra conosco, no dia a dia e é ali onde cada pessoa, cada família, é chamada a ser um agente de ajuda e de mudança a favor dos mais necessitados.

Como diz o Concílio Vaticano II, “A própria família recebeu de Deus esta missão, de ser a célula primeira e vital da sociedade. Cumprirá esta missão se, pela mútua piedade dos membros e pela oração em comum dirigida a Deus, se mostrar como que o santuário doméstico da Igreja; se a família toda se inserir no culto litúrgico da Igreja; se, finalmente, *oferecer hospitalidade acolhedora, promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos constituídos em necessidade*. Entre as várias atividades do apostolado familiar, podem enumerar-se as

seguintes: adotar como filhos crianças abandonadas, receber benignamente os peregrinos, cooperar na orientação das escolas, assistir aos adolescentes com conselhos e com meios econômicos, ajudar os noivos a prepararem-se melhor para o matrimônio, trabalhar na catequese, amparar os cônjuges e as famílias que estão em perigo material ou moral, prover os velhos não só com o necessário, mas ainda procurar-lhes os frutos equitativos do progresso econômico”[4].

Neste Ano Jubilar da Misericórdia, é apresentada uma nova oportunidade para viver o amor familiar e *concretizar* o amor nos necessitados. O elenco das obras de misericórdia nos oferece a possibilidade de abrir-nos, de dar-nos aos outros. O Papa Francisco nos chama a redescobrir as obras corporais: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher o estrangeiro, assistir aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E a não esquecermos as espirituais: aconselhar os que têm dúvidas, ensinar os ignorantes, advertir os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas irritantes, rezar a Deus pelos vivos e defuntos. “A misericórdia não é *ser bonzinho*, nem um mero sentimentalismo”, pelo contrário, é manifestação do Amor infinito de Deus por cada um e a realização humana do amor ao próximo. É assim que a família está chamada a ser “escola de generosidade”; ou seja, na família “se aprende que a felicidade pessoal depende da felicidade do outro, se descobre o valor do encontro e do diálogo, a disponibilidade desinteressada e o serviço generoso”.

“As crianças que veem em sua casa como se busca sempre o bem comum da família, e como uns se sacrificam pelos outros, estão aprendendo um estilo de vida baseado no amor e na generosidade. É uma vivência que deixa uma marca inapagável. Crescerão sabendo que integrar-se na sociedade não é só receber, mas receber e retribuir”[5].

II. Dar-se na própria família

Muitas vezes – e é preciso fazê-lo –, dirigimos o olhar para as realidades distantes buscando fazer o bem: damos dinheiro, tempo, trabalho, esquecendo talvez que nos mais próximos temos nosso principal e mais importante campo de ação. Não só com o cônjuge e os filhos, mas com os pais já idosos, e talvez doentes, que requerem uma atenção especial; com parentes necessitados por diferentes causas; com amigos próximos que precisam do nosso conselho; com pessoas conhecidas a quem vemos e tratamos regularmente e que precisam temporariamente de um

lar, da presença de um amigo, etc. Para os cônjuges cristãos, sua primeira “periferia” é a própria família, onde talvez se encontrem os mais necessitados da sua dádiva amorosa. Logo, o mundo inteiro para “afogar o mal em abundância de bem”, como são Josemaria gostava de dizer[6].

Voltando para o caso dos idosos nas famílias, eles merecem – como as crianças –, uma solicitude especial, sejam os próprios pais ou outros familiares próximos que, pelo passar dos anos, necessitam de atenções particulares. A esperança de vida é cada vez mais longa; no entanto, não se produziu um avanço paralelo no cuidado dos idosos, que, muitas vezes, são considerados uma carga difícil de carregar, ou pior os que por determinadas circunstâncias se encontram em situação de desamparados e abandonados. Com cada um deles, temos de ser amáveis, pacientes, entregues, oferecer-lhes o nosso tempo, o nosso carinho e ajuda em suas necessidades, e ensinar os filhos a atuar da mesma maneira. O dia de amanhã serão eles os que talvez tenham que cuidar dos seus pais e, se não o virem, se não o viveram, não saberão ou não quererão fazê-lo. A família é o lugar onde os mais fracos encontram auxílio e proteção. Por isso, é o melhor lugar para cuidar dos idosos. A esse respeito, dizia Bento XVI: “A qualidade de uma sociedade, gostaria de dizer de uma civilização, se julga também por como se trata os idosos e *pelo lugar que lhes é reservado na vida em comum*”.

Este *dar-se* aos que estão próximos de cada um, se é por amor, se faz com a alegria dos que sabem que são filhos de Deus, destinados à felicidade que só se encontra fazendo o bem.

Carolina Oquendo Madriz

[1] Catecismo da Igreja Católica, 2207

[2] Oliveros F. Otero (1988), *La felicidad en las familias*, Loma Editorial, México.

[3] Cfr. Papa Francisco, Homilia em Santa Marta, 9-1-2014.

[4] Decreto *Apostolicam Actuositatem* (18 de novembro 1965), n.11. O sublinhado é da autora.

[5] María Lacalle Noriega (2015), *La dimensión pública de la familia*. Em: Nicolás Álvarez de las Asturias (Ed.), *Redescubrir la familia*, Palabra, Madri.

[6] São Josemaria, Sulco, n. 864

CRIAR O LAR: UMA TAREFA COMUM QUE DÁ SENTIDO AO TRABALHO

Para conhecer o plano de Deus para o homem e a família é preciso voltar às origens. “Ortega y Gasset recorda a história do explorador do Polo que depois de apontar com sua bússola para o norte, corre com seu trenó (...) para comprovar que se encontra ao sul da sua posição inicial. Ignora que não viaja por terra firme, mas sobre um grande *iceberg*, que navega veloz na direção oposta ao seu caminho. Também hoje, muitos com boa vontade apontamos a nossa bússola ao norte para avançar, ignorando que navegamos sobre o grande *iceberg* das ideologias e não sobre a terra firme da verdade e da [família](#)”[1].

No berço da humanidade, estão as pautas necessárias, a bússola que marcará sempre o norte.

A primeira dessas pautas ou chaves indicadas no Gênesis é que fomos criados para amar e ser amados, e isto se realiza no “serão uma só carne”[2] de homem e mulher, um dom de si enriquecedor e fecundo, que se abre para novas vidas. O casamento, configurado como entrega recíproca, como chamado ao amor, seria uma primeira pauta.

A segunda deriva da anterior, e se concretiza no mandato divino: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a”[3]. Aqui aparece a conexão entre família (multiplicai-vos) e trabalho (dominai a terra), inseparavelmente unidos num mandato único. Ou seja, desde que Deus cria o homem deixa clara a obrigação de trabalhar, e também o sentido profundo do trabalho: não se trata da mera realização pessoal, de um capricho, ou de um passatempo, mas de transformar a terra para convertê-la em lar. Desde a origem da humanidade, trabalho e família vão unidos e o sentido do trabalho não é outro que o de servir à família. É uma forma de entrega – como o era a dos esposos Adão e Eva –, um dom de si, nunca um dom para si mesmo.

Perdido o sentido da família, perdido o sentido do trabalho

No entanto, no último século e meio houve – ao menos nos países mais desenvolvidos – uma ruptura, e dá a sensação de que família e trabalho, que na sua origem são inseparáveis, são agora incompatíveis. A família aparece como um obstáculo para o trabalho, e vice-versa. Ser mãe, por exemplo, converteu-se para muitas mulheres numa desvantagem no trabalho. Então, onde fica aquele preceito do Gênesis? O que era um único mandamento, e vocação original, transformou-se, para muitos, em um dilema: o

trabalho ou os filhos, ou trabalhar ou cuidar da casa, as duas coisas parecem impossíveis juntas.

É significativo que esta contraposição coincida no tempo com a crise da família. O que pode levar-nos a pensar que uma crise tenha levado à outra, já que as suas raízes se comunicam. A perda do sentido da família levaria automaticamente à perda do sentido do trabalho. Pois, de fato, em muitos casos, não se concebe o trabalho como um serviço para a família, mas como um fim em si mesmo; e não há lar, ou são lares desfeitos, esquecidos, onde falta o calor familiar.

Ao produzir essa contraposição, em muitos países do Ocidente se inverteram os termos: a empresa se apresenta como uma família, e a família se reinventa como uma empresa, com divisão de funções e cotas paritárias, tal como observava Arlie Hochschild num estudo com título eloquente: “Quando o trabalho se converte em casa e a casa se converte em trabalho”[\[4\]](#).

Mas seria errado pensar que o ambiente do lar se alcança através de cotas paritárias ou uma espécie de divisão de trabalho. Alcança-se, em vez disso, recuperando o verdadeiro significado da família e, ao mesmo tempo, o verdadeiro significado do trabalho. A verdadeira conciliação não depende – somente – das leis do Estado, mas fundamentalmente de que marido e mulher se conciliem. Porque eles são os verdadeiros artífices do lar. São livres para trabalhar fora de casa e ter filhos, escolhendo recuperar o trabalho do lar.

Isto resolveria o dilema ao que antes nos referíamos.

Depois virá a tentativa de transformar as leis para que o Estado facilite essa escolha a serviço da família, e conseguir uma cultura empresarial nessa linha. Porém primeiro devem ser as próprias famílias, os esposos, que reconquistem o verdadeiro sentido do trabalho como dom de si e serviço ao cônjuge e aos filhos. Algumas mães optarão por manter uma atividade profissional fora de casa e outras se dedicarão plenamente ao lar, sendo as duas opções igualmente legítimas e, em primeiro lugar, sabendo que o trabalho é serviço e não um fim em si mesmo.

O lar, primeiro passo para superar a crise da sociedade.

Construído assim, o lar se converterá em ponto de encontro das duas realidades, família e trabalho. O lar como lugar do dom de si e do amor dos esposos, e, portanto da verdadeira conciliação; e como tarefa comum que cabe a todos os membros da família. A casa não é só abrigo para descansar e depois voltar ao trabalho, mas o lugar do amor sacrificado, a escola de virtudes, e a melhor

resposta ao mandamento de “crescei e multiplicai-vos e dominai a terra”.

Sem sair das quatro paredes do lar pode-se transformar o mundo: “atrevo-me a afirmar que, em boa parte, a triste crise que agora padece a sociedade está enraizada no descuido do lar”^[5].

Se o centro do lar é o amor dos esposos que transmite vida e se irradia aos filhos, seus eixos são o leito conjugal e a mesa, entendida como espaço de convivência entre pais e filhos e entre irmãos, lugar de ação de graças a Deus e de diálogo. É significativo que os ataques mais duros à família se produzem aí. No primeiro caso, do hedonismo e da ideologia do gênero, que separam os aspectos unitivo e procriativo do ato conjugal; e no segundo, através do barulho gerado pelo mau uso da televisão, internet e outras tecnologias que tendem a isolar o adolescente, impedindo sua abertura aos outros.

Não é casualidade que uma das primeiras medidas que adotaram alguns regimes totalitários foi proibir a fabricação de mesas altas, e promover o uso de mesinhas baixas ou individuais; com isso a reunião familiar em torno da refeição ficava muito difícil. Atualmente, o abuso da televisão e da tecnologia – unido a outros fatores como o trabalho ou as longas distâncias – estão produzindo um efeito semelhante no seio das famílias.

A importância da mesa: ação de graças, diálogo, convivência

Devolver à mesa a sua categoria é uma forma de recuperar o ambiente do lar. Na mesa confluem os dois elementos do mandato duplo do Gênesis: a família, pais e filhos –“crescei e multiplicai-vos”–, e o fruto do trabalho –“dominai a terra”–. A mesa oferece a oportunidade de agradecer ao Criador o dom da vida e os dons da terra: é diálogo com Deus, também através da materialidade dos alimentos que recebemos da sua bondade; e tem uma função crucial educativa e comunicativa: os filhos se nutrem da comida, e também da palavra, da conversa, do debate de ideias, e até dos atritos e discussões, que contribuem para formar seu caráter.

Daí a importância de dedicar um tempo diário e específico à mesa. Se não é possível tomar o café da manhã ou almoçar juntos, ao menos convém reservar o jantar para promover esse espaço de diálogo e de convivência.

Um espaço que se prepara com tempo e vontade; que se constrói com renúncia e sacrifício; que inicia com a bênção dos alimentos,^[6] e que gira ao redor de uma conversa. É uma ocasião de ouro para os pais educarem não com discursos, mas com

gestos pequenos, detalhes aparentemente insignificantes; e para os irmãos aprenderem a entender-se, colaborar, renunciar... Tempos e lugares compartilhados que formarão sua identidade, recordações memoráveis que os marcarão profundamente.

Uma tarefa estimulante que envolve todos, já que a oração, a ação de graças e o diálogo, mais do que a comida, é o que realmente alimenta e sustenta a família.

Apostar numa cultura da família supõe “sair” do *iceberg* de ideologias enganosas e recuperar o verdadeiro sentido do duplo mandato do Gênesis. E pode-se conseguir a partir de um perímetro tão modesto como as quatro paredes do lar, contorno paradoxal porque sempre é “maior por dentro do que por fora”, como descrevia Chesterton; resgatando a comunicação, o amor dos esposos, e a participação na mesa; deixando sempre um prato a mais..., para o caso de Deus querer vir jantar nesta noite.

Teresa Díez-Antoñanzas González y Alfonso Basallo Fuentes

[1] J. Granados, *Ninguna familia es una isla*, Burgos 2013.

[2] Gn 2,24.

[3] Gn 1,28.

[4] A.R. Hochschild, “When work becomes home, and home becomes work”, *California Management Review* (1997), 79-97.

[5] J. Echevarría, Carta pastoral, 1-06-2015.

[6] Cfr. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'*, n. 227.

TRABALHO E FAMÍLIA: DIRETRIZES PARA CONCILIAR

1ª PARTE

Vida familiar e vida de trabalho

Hoje em dia é frequente encontrar muitos casais que sofrem uma contínua tensão ao tentar conciliar a vida profissional e a vida familiar. Não têm tempo e energia para cumprir todas as suas tarefas: a atenção dos filhos, o cuidado da casa, as exigências do trabalho profissional... Esta tensão pode afetar muito negativamente a família. Apesar dos seus esforços, os esposos geralmente se sentem derrotados pelo turbilhão imposto pela vida contemporânea. O que está acontecendo?

O desafio de conciliar a vida laboral e a vida familiar parece irromper como um fenômeno novo e complexo, que muitos casais

ainda não souberam resolver. Talvez, a causa decisiva tenha sido a incorporação massiva da mulher no mercado de trabalho durante os séculos XIX e XX, que mudaram uma dinâmica tranquila onde parecia imperar uma clara divisão de tarefas: o âmbito doméstico era mais próprio da mulher e o trabalho externo do homem. Detendo-nos a pensar sobre a situação em que se encontra a família na atualidade, vemos que há aspectos ambivalentes. Assim o escreve João Paulo II na exortação apostólica *Familiaris Consortio*:

“Por um lado, de fato, existe uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimônio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos; há, além disso, a consciência da necessidade de que se desenvolvam relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, a descoberta de novo da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa. Por outro lado, contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada concepção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva.”[\[1\]](#)

Esta síntese pode nos servir para orientar cada situação da vida (pessoal, profissional, familiar, social, etc.), e dar-lhe o lugar e a relevância que lhe corresponde.

O significado do trabalho

Em primeiro lugar, devemos considerar pensar que de alguma forma o trabalho está presente em todas as esferas da nossa vida: quer seja não remunerado, profissional, doméstico ou social; o cristão sempre pode trabalhar, esforçar-se, como Jesus Cristo e o Pai: “Meu Pai trabalha sempre, e Eu também trabalho”[\[2\]](#).

O trabalho é um terreno conatural ao ser humano. Fomos criados para trabalhar[\[3\]](#); não só para conseguir um sustento, mas para contribuir para o progresso social e para o bem de toda a humanidade. Como explica a *Gaudium et Spes*, Deus decide criar o homem e a mulher para governarem as coisas da terra em justiça e santidade. Essa atividade é o seu trabalho. No seu significado mais originário, o trabalho não é senão a atividade humana que interage com a criação material; de modo que,

constitutivamente, fomos feitos para trabalhar: “*homo, quasi adiutor est Dei*”, como o ajudante de Deus, diz audazmente São Tomás de Aquino. A criação, portanto, apesar de ser perfeita, porque é obra de Deus, pode por sua vez ser aperfeiçoada pela liberdade do homem.

Ao mesmo tempo, sabemos que depois do pecado original a dor e o cansaço se acrescentaram ao trabalho. No entanto, mais do que o cansaço, a pior consequência do pecado é o orgulho: a deformação do trabalho que nos leva a esquecer de que somos ajudantes de Deus, a inverter os termos e querer, pelo trabalho, ser como deuses.

Somos colaboradores de Deus na família, no cuidado dos filhos, no trabalho profissional. Se nos deixamos levar pelo orgulho ou pela preguiça, não tomaremos as decisões certas para conseguir o equilíbrio adequado na nossa família. Por exemplo, o orgulho profissional excessivo ou rejeitar as tarefas que não tem brilho podem fazer-nos descuidar do ambiente familiar, onde encontramos a maior fonte de felicidade.

Unidade de vida

Em segundo lugar, as esferas profissional e doméstica não deveriam enfrentar-se, pois na realidade completam-se: o âmbito familiar se enriquece com a vida profissional e, por sua vez, a vida profissional se enche de sentido e de entusiasmo com a perspectiva familiar.

Algo que já dizia São Josemaria, respondendo a uma pergunta: “os dois trabalhos são compatíveis. Você faz com que sejam compatíveis. Hoje, na vida, quase todo mundo tem mais de um emprego. (...) E digo que tem razão, que são dois trabalhos perfeitamente compatíveis”[4].

No entanto, como recorda o Papa Francisco, “A família é um grande teste. Quando a organização do trabalho a mantém refém, ou até lhe impede o caminho, então estamos certos de que a sociedade humana começou a agir contra si mesma! As famílias cristãs recebem desta conjuntura um grande desafio e uma grande missão. Elas apresentam os fundamentos da criação de Deus: a identidade e o vínculo do homem e da mulher, a geração dos filhos, o trabalho que torna a terra doméstica e habitável”[5].

A coerência cristã leva a priorizar, de acordo com as circunstâncias, cada uma das tarefas que derivam da nossa condição de pais, cônjuges, amigos, companheiros, etc. Aí está a luta para manter a unidade de vida: estabelecer as prioridades; ou seja, fixar o olhar nos objetivos mais altos de amor a Deus e amor

aos outros seja qual for o campo em que operamos.

Estas metas nos ajudam a colocar no seu lugar os múltiplos afazeres, que são hierarquizados de acordo com esse ideal de vida. E, ao mesmo tempo, procurar realizá-los com intensidade, aproveitando ao máximo: com os pés bem cravados na terra e a vista no céu, como gostava de repetir São Josemaria. Mais do que conciliar, no fundo, trata-se de integrar as diversas atividades de cada dia, ou, pelo menos, de tentar todos os dias.

O trabalho do lar

De modo geral, é preciso desenhar um projeto matrimonial próprio, adequado às necessidades de cada família: sem filhos, com muitos ou poucos filhos, filhos com necessidades especiais, cuidado dos avós... Se um dos cônjuges decide dedicar-se ao cuidado do lar é uma opção legítima. De fato, são muitas as mães que optam pelo cuidado exclusivo do lar. Com mentalidade profissional, elas também têm que conciliar esse trabalho com a vida familiar.

O cuidado da casa se traduz na atenção a mil detalhes da convivência diária, que realizados com amor, recobrem-se de transcendência, humana e sobrenatural. Como explica uma mãe inglesa de cinco filhos: “Afinal, grande parte da vida consiste em coisas pequenas: pôr em ordem as coisas quando termino cada tarefa, por amor; oferecer o trabalho de lavar as meias que cheiram mal, pela Igreja no Cazaquistão; escutar um dos filhos quando me sinto esgotada e ansiando por cinco minutos de paz; ser atenciosa com um vendedor que telefona precisamente na hora do almoço...”[6].

* * *

SEGUNDA PARTE

Diretrizes para o equilíbrio trabalho/família

Na primeira parte deste artigo tratou-se da unidade de vida e da desejada integração entre trabalho profissional e vida familiar. Nesta segunda parte oferecem-se algumas diretrizes para progredir no esforço de tornar esses âmbitos compatíveis. Estas regras poderiam ser resumidas em quatro: antecipar, assumir, aprender e amar.

- Adiantar
- Assumir
- Aprender
- Amar

Para chegar a tudo convém ser práticos e adiantar todas as

tarefas possíveis. Com antecedência suficiente, poderemos assentar primeiro as “pedras” grandes, as importantes, para que cada tarefa tenha o seu lugar e possa caber tudo. Mas, para antecipar, devemos manter clara a ordem de prioridade das tarefas: Deus, os outros e eu, é uma forma rápida de sintetizar a ordem que deveria reger a vida do cristão.

As vezes, isto pode supor especificar dia e hora para cada trabalho, e não deixar nada para a improvisação. Somente se tivermos um plano, será possível ser flexíveis e encaixar os imprevistos que aparecerem ao longo da jornada.

Um modo de adiantar e ser flexível é aplicar à gestão da casa o esquema das empresas: fixar metas, estratégias, precedências, tarefas que podem ser delegadas e devem ser comunicadas com tempo. Se o “negócio mais importante” é a nossa família, devemos tomar todas as medidas de acordo com uma determinada organização. Deixar tudo para a improvisação não garante a paz nem a ordem necessárias para a convivência.

O que vale, custa, diz o provérbio. O melhor é assumir quanto antes a grande energia física e mental que isto implica. “O desafio do equilíbrio está em saber viver o nosso projeto familiar com coerência, reconhecendo que, pelo grande fato de ser um casal, assumimos uma série de obrigações que devemos nos esforçar para viver, evitando as falsas desculpas que impedem ou dificultam o cumprimento destas obrigações e vivendo com realismo cada uma das situações que aparecem na vida”[7].

Em alguma etapa da vida pode ser preciso desempenhar muito trabalho, fora e dentro de casa, e isso exige uma grande dose de realismo e generosidade; e também desprendimento da tendência ao perfeccionismo e das manias pessoais.

Não estamos sós nem somos os únicos que tentamos harmonizar o trabalho e a família. Existem várias maneiras de lidar com uma vida que deve atender a múltiplas frentes. Por exemplo, pode-se aprender muito participando de alguns cursos de orientação familiar, ou dos testemunhos de outros pais cristãos que lutam por viver desta forma, integrando os âmbitos profissional e familiar[8].

Concretamente, manter o equilíbrio adequado entre trabalho e a família supõe geralmente dirigir bem nosso recurso mais escasso: o tempo. Há vários truques e conselhos para maximizar nosso tempo:

- “*Faz o que deves e está no que fazes*” dizia São Josemaria[9]. Deste modo, evitaremos perder o tempo para concentrar-nos de novo em cada coisa, procurando terminá-la no tempo previsto. Podemos também oferecer a Deus e evitar a dispersão de estar

em vários assuntos ao mesmo tempo.

- *Fixar um tempo para o trabalho profissional.* É imprescindível pôr um limite semanal às horas que serão dedicadas ao trabalho fora de casa. O tempo para estar com os filhos e o cônjuge deve ser considerado sagrado.

- *Evitar atividades inúteis*, como programas de televisão que não ensinam nada, conversas inúteis ou daninhas, etc., que são verdadeiros ladrões do tempo. Como explica Nuria Chinchilla, às vezes jogamos a culpa do nosso estresse nos outros, às circunstâncias, quando muitas vezes perdemos tempo em atividades sem importância: “e se olharmos primeiro para nós mesmos? Porque esta é a única realidade que podemos mudar. Com certeza, nos encontraremos falta de organização pessoal, confusão de prioridades, pouca delegação para os colaboradores, excesso de otimismo ao avaliar as próprias habilidades e potencial de trabalho, pretensão de abarcar um campo de atividades amplo demais, pouca pontualidade e controle de horário, adiamento ou precipitação nas decisões importantes...”[\[10\]](#).

- *Tempo de qualidade.* Uma vida familiar saudável requer tanto quantidade de tempo como qualidade *no* tempo, para poder desenvolver as funções derivadas de nossos papéis de pais e esposos. Um modo de aproveitá-lo é reservar os fins de semana e as férias: um tempo de “disponibilidade completa”, para cuidar especialmente do nosso casamento e dos nossos filhos, progredindo assim no desejado equilíbrio. Podemos pensar em atividades que nos permitam estar juntos, que enriqueçam e que reforcem os vínculos familiares. Se não priorizarmos esse tempo com nosso cônjuge e nossos filhos, se organizamos umas férias muito emocionantes, mas que não permitem estarmos juntos com tranquilidade, não teremos progredido no projeto comum que é o casamento e a família.

- *Fixar tempos de reflexão.* Quanto mais abundantes são as diversas tarefas que temos de realizar, mais necessário se torna fazer “pausas” durante o dia, para pensar como organizá-las melhor. Para um cristão esses tempos de reflexão são tempos de oração. Deus nos acompanha sempre e podemos pedir-lhe ajuda nesses momentos de grande atividade.

Em última análise, é o amor de Deus que dá unidade, põe ordem no coração, ensina quais são as prioridades. “Entre essas prioridades está saber colocar sempre o bem das pessoas acima de outros interesses, trabalhando para servir, como manifestação da caridade; e viver a caridade de maneira ordenada, começando

por aqueles que Deus colocou mais diretamente a nosso cuidado”[11].

O amor aos outros nos faz focar bem a nossa vida e percebermos como a nossa situação é positiva: se temos que conciliar um trabalho exigente com uma família é porque temos muita sorte. Não somos vítimas, mas beneficiários de grandes dons.

Rosalía Baena

[1] São João Paulo II, Exortação Apostólica Familiaris Consortio, n. 6

[2] Jo 5,17

[3] Cf. Gn 2,15 (Vulgata)

[4] São Josemaria, anotações de um encontro familiar, Santiago de Chile 7/07/1974

[5] Papa Francisco, audiência geral, 19/08/2015

[6] Testemunho de Testemunho de Virginia McGough, cfr.: <http://opusdei.org.br/pt-br/article/cuidar-da-minha-familia-e-um-verdadeiro-trabalho-profissional/>

[7] Cfr. “[Familia y trabajo](#)” (Nota Técnica. Curso Amor Matrimonial II)

[8] Cf., por exemplo: <http://opusdei.org.br/pt-br/article/familia-trabalho-e-bom-humor/>, <http://opusdei.org.br/pt-br/article/escolher-o-conjuge-adequado-com-que-compartilhar-grandes-desafios/>, <http://opusdei.org.br/pt-br/article/cuidar-da-minha-familia-e-um-verdadeiro-trabalho-profissional/>, <http://opusdei.org.br/pt-br/article/entre-o-trabalho-e-a-familia/>.

[9] Caminho, n. 815

[10] A ambição feminina : como conciliar trabalho e família / Nuria Chinchilla, Consuelo León

[11] Cf. J. López Díaz y C. Ruiz, “Trabalho e Família”, em <http://opusdei.org.br/pt-br/article/trabalho-e-fam...>

FORTALECER O AMOR: O VALOR DAS DIFICULDADES

“Os casados – recordava São Josemaria – estão chamados a santificar o seu matrimônio e a santificar-se a si próprios nessa união; por isso, cometeriam um grave erro se edificassem a sua conduta espiritual de costas para o lar, à margem do lar”[1].

Ninguém se casa para separar-se. Ninguém traz um filho ao

mundo para fazê-lo infeliz. E, no entanto, a realidade mostra diariamente situações difíceis, não queridas, que parecem negar premissas tão evidentes como estas.

Uma decisão que dá vertigem

Certamente, casar-se para sempre não é uma decisão fácil. Como todo compromisso definitivo, produz uma *vertigem existencial*. Porém, uma vez tomada, com plena consciência e determinação, a vertigem desaparece e transforma-se em segurança e alegria.

A liberdade falou, e o espírito atento descobre então um novo horizonte de liberdade: não tem sentido deter-se no passado, pensando no que se deixou para trás; o novo futuro descoberto oferece um panorama de crescimento pessoal que a alma apaixonada se vê impelida a percorrer. As rédeas do nosso amor estão agora em nossas mãos e não à mercê das circunstâncias.

Naturalmente, não é um itinerário sem espinhos. Haverá dificuldades, que se intuem. Porém, depois desse *sim* que não tem volta, percebe-se também a coragem para enfrentá-las. A vida adquiriu sentido e descobre-se uma nova missão, que ilumina toda a existência com uma luz nunca vista.

Alguns, por medo desses espinhos, tentam evitar amar com esta profundidade de vida. É compreensível. O amor é paradoxal, pois por um lado nos torna fortes para enfrentar as dúvidas, os obstáculos e os conflitos que podem aparecer ao longo do caminho; porém, por outro lado, nos torna frágeis, deixa os nossos pontos fracos desprotegidos. Quem ama se expõe à dor, já que aqueles a quem amamos também podem fazer-nos sofrer.

Certas técnicas ou filosofias orientais oferecem outro caminho: não sintas e não sofrerás. No entanto, a ausência de dor não equivale à felicidade. Quem ama se torna vulnerável, é certo. Porém, no matrimônio, a vulnerabilidade, por ser recíproca, pode ser aceita sem medo: entrego-me ao meu cônjuge e sei que meu cônjuge se entrega a mim. Minha vulnerabilidade ganha força em suas mãos, e sua entrega fortalece-se nas minhas.

A primeira condição para superar as dificuldades no casamento é não surpreender-se com a sua chegada. São um terreno pelo qual nosso amor terá de passar um dia. Como acontece ao subir uma montanha, quando a meta é clara, as dificuldades fazem parte da travessia, e o desafio consiste em usar inteligência e fortaleza para superá-las. Como disse o Papa Francisco, os que enfrentam o casamento assim, são “homens e mulheres, suficientemente intrépidos para levar este tesouro nos «vasos de barro» da nossa humanidade” e “constituem um recurso essencial para a Igreja e também para o mundo inteiro”[\[2\]](#).

Podemos distinguir as dificuldades que podem surgir na vida matrimonial e familiar em três grupos: as procedentes do ambiente, as que vêm dos filhos e as que afetam o próprio casal. O caminho que sugiro para superá-las é o mesmo nos três casos: unidade. Unidade familiar, unidade conjugal e unidade pessoal.

Dificuldades do ambiente: unidade familiar

Por ambiente me refiro aqui ao círculo próximo, mas diferente da família íntima. Podem ser problemas profissionais ou econômicos, a doença de um pai ou uma mãe, controvérsias entre familiares ou amigos.

O critério seguro para enfrentar estas dificuldades, que por sua própria diversidade não admitem soluções uniformes, é a unidade familiar. A melhor maneira de enfrentá-las é integrando-as na dinâmica familiar. Não deixar que atuem como um fator externo de desestabilização pessoal.

Na família, as alegrias se multiplicam e as penas se dividem. Quando as ameaças são exteriores à família, é a família inteira que deverá enfrentá-las, contribuindo cada um com a sua participação e apoio, de acordo com a sua capacidade e no nível que lhe compete. A unidade familiar atua, além disso, como limite e critério para qualquer proposta, solução ou enfoque que se estabeleça.

Em muitas ocasiões, estas dificuldades convertem-se em campo especialmente propício para a educação das virtudes essenciais para o desenvolvimento pessoal: confiança, humildade, sobriedade, ajuda mútua, etc.

Dificuldades dos filhos: unidade conjugal

Quando os problemas procedem dos filhos, a solução passa sempre pela unidade conjugal. Durante longos períodos, os filhos podem chegar a ser uma fonte constante de conflito matrimonial.

Perante as dificuldades com os filhos, a primeira ocupação deve de ser o nosso cônjuge, aumentar o nosso amor. Aconteça o que acontecer com um filho, o caminho mais seguro para ajudá-lo a superar o seu conflito pessoal é que perceba, com a maior evidência possível, o amor que seus pais têm um pelo outro, além, naturalmente, do que têm por ele.

Depois virão os conselhos, as técnicas, o diálogo constante entre o casal, o compromisso mútuo, a análise serena, a ajuda de profissionais e todo o resto. Mas a primeira condição para dar segurança e critério aos nossos filhos é o amor mútuo dos seus pais.

Se os nossos filhos percebem de maneira clara e convincente, quase fisicamente, essa prioridade (o seu pai está em primeiro

lugar; a sua mãe está em primeiro lugar), já lançamos as bases para enfrentar de forma eficaz o problema, seja do tipo que for.

Dificuldades no casamento: unidade pessoal

“O presente mais precioso que o casamento me trouxe foi esse impacto constante de algo muito próximo e íntimo, ao mesmo tempo incomparavelmente alheio, resistente – numa só palavra, real”^[3], afirma C.S. Lewis. Pode chegar o momento em que a relação matrimonial se turve ou endureça. Diversas circunstâncias podem influenciar com maior ou menor intensidade e extensão. Às vezes uma pequena gota – que talvez faça derramar o copo – desencadeia a tempestade: “Um casal que começa a brigar, a discutir... O marido e a mulher não têm razão nunca para brigar. O inimigo da felicidade conjugal é a soberba”^[4].

Unidade pessoal equivale aqui a autenticidade de vida; integridade de vida intelectual, volitiva, emocional, biográfica. Diante de qualquer dificuldade na relação matrimonial, é preciso afastar a tentação de romper com o que somos, com o que quisemos ser. Refazer a vida, sim, mas com nossos próprios materiais, não com os de outro ou outra. O compromisso matrimonial transformou-nos de modo radical e já não deveria ser imaginável nossa vida sem ela ou sem ele.

Assim deve ser sempre. Com visão ampla, magnânima, com generosidade de espírito. Não importa fazer um pouco de teatro no casamento, e *forçar* a própria entrega quando o sentimento não acompanha. Como recordava São Josemaria, referindo-o a Deus, temos o melhor espectador possível para essa humilde atuação: nossa mulher, nosso marido; e o sentimento sempre volta, se o soubermos chamar.

Fortalecer o amor significa torná-lo atual. Escolher todos os dias as pessoas a que amamos: eu o amei hoje? Ele o percebeu? E depois voltar a nós mesmos; só há uma pessoa que pode ajudar a melhorar a relação: eu mesmo. Sou eu que preciso mudar e, então, com a nova visão que a minha mudança me concede, ajudar a ele, ou ela, a mudar também. Quem deve de dar o primeiro passo? A resposta não é nova: aquele que vê o problema, ou seja, eu mesmo.

Quando se trata de renovar o amor, há uma virtude e uma conduta que aparecem necessariamente: a humildade e o perdão. Humildade para reconhecer os próprios erros, humildade para pedir ajuda quando necessário, humildade para pedir perdão, humildade para conceder esse perdão, e humildade para ser perdoado. E que seja um perdão humilde, não altivo, generoso, compreensivo e oportuno, que saiba dizer sem palavras: “eu

preciso de você para ser eu mesmo”, como descreveu Jutta Burggraf[5].

Javier Vidal-Quadras

[1] É Cristo que passa, 23

[2] Papa Francisco, audiência 6/05/2015

[3] C. S. Lewis, A anatomia de uma dor

[4] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar, 1/06/1974

[5] J. Burggraf, "Aprender a perdoar". Artigo publicado na revista *Retos del futuro en educación*. Madri 2004.

AMOR CONJUGAL

“Deus que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano”[1]. Quando Deus criou o homem, criou um ser capaz de amar e de ser amado, porque Deus é Amor e fê-lo à Sua imagem e semelhança[2].

Homem e mulher foram criados um para o outro. Nota-se já a vontade do Criador de fazer destas duas pessoas seres complementares: distintos pela sua natureza sexuada, mas iguais na sua dignidade. O casamento está inscrito “na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do Criador. O casamento não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu no curso dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Essas diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. (...) Existe em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial”[3].

“Para um cristão, o matrimônio – afirmava São Josemaria – não é uma simples instituição social, e menos ainda um remédio para as fraquezas humanas: é uma autêntica vocação sobrenatural”[4].

Amor de esposos, amor de Deus

Como afirma o Catecismo da Igreja Católica: “Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo ser humano. Pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é Amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do Criador”[5].

O homem, quando ama, realiza-se plenamente como pessoa. É o que nos recorda o Concílio Vaticano II: “o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”[6]. Todo o homem de boa vontade é capaz de o entender. O dom de si ao outro é fonte de riqueza e de responsabilidade, assegura São João Paulo II, e Bento XVI acrescenta que é atenção ao outro e para o outro.

Mas o pecado original quebrou a comunhão harmoniosa entre o homem e a mulher. A atração mútua converteu-se em relação de domínio e de concupiscência. “A ordem da criação subsiste, apesar de gravemente perturbada. Para curar as feridas do pecado, o homem e a mulher precisam da ajuda da graça que Deus, em sua misericórdia infinita, jamais lhes recusou. Sem esta ajuda, homem e a mulher não podem chegar a realizar a união de suas vidas para a qual foram criados *no princípio*”[7].

E foi Jesus Cristo quem veio reestabelecer a ordem inicial da Criação. Pela sua Paixão e pela sua Ressurreição, fez com que o homem e a mulher fossem capazes de se amar como Ele nos amou. Ele “dá a força e a graça para viver o casamento na nova dimensão do Reino de Deus”[8].

Dois pessoas, um só coração

Como diz o Catecismo da Igreja Católica: “O amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa: apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade. O amor conjugal dirige-se a uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, não conduz senão a um só coração e a uma só alma; ele exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade. Numa palavra, trata-se das características normais de todo amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e as consolida, mas eleva-as, a ponto de torná-las a expressão dos valores propriamente cristãos”[9].

Dom e aceitação são simultâneos e recíprocos; com efeito, o dom só é realmente conjugal se passa pela aceitação do outro que, por sua vez, se dá e é recebido como cônjuge.

Cada esposo compromete-se, diante de Deus e perante o seu cônjuge, através de um ato de amor que é um ato livre da vontade. E é Deus que sela esta aliança, e nos deixa como modelo a fidelidade entre Cristo e a Igreja, que é a Sua Esposa, de maneira que “pelo sacramento do Matrimônio, os esposos se habilitam a representar esta fidelidade e a testemunhá-la”[10].

Um dos frutos e fins do matrimônio é a abertura à vida, “porque o amor conjugal tende naturalmente a ser fecundo. O filho não vem de fora acrescentar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio âmago dessa doação mútua, da qual é fruto e realização”[11]. O filho é “o dom mais excelente do matrimônio”[12] ; acolhê-lo é “participar do poder criador e da paternidade de Deus”[13]. A união íntima e generosa dos esposos, querida por Deus, constrói e consolida o amor dos pais, “exprime e alimenta a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão”[14]. Pelo contrário, atuar contra as exigências morais próprias do amor conjugal, é contrário ao respeito devido ao cônjuge e à sua dignidade.

No contexto da fecundidade, é importante considerar a situação daqueles casais que não podem ter filhos. Eles contam com a graça necessária para difundir a riqueza do seu amor conjugal de diversas maneiras, o que encherá os esposos de felicidade e tornará pleno o seu amor recíproco.

A força especial do sacramento

O sacramento do Matrimônio confere aos esposos cristãos, uma graça particular que lhes permite aperfeiçoar o seu amor, afiançar a sua unidade indissolúvel, de “levantar-se depois da queda, perdoar-se mutuamente, carregar o fardo uns dos outros, “submeter-se uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5,21) e amar-se com um amor sobrenatural, delicado e fecundo. Nas alegrias de seu amor e de sua vida familiar, Ele lhes dá, aqui na terra, um antegozo do festim de núpcias do Cordeiro”[15].

Neste sentido, para que perdure e alcance a sua plenitude, o amor conjugal deve cultivar-se. É exigente, diz São Paulo. Força e perseverança são necessárias para enfrentar as provas. Assim o expressava São Josemaria: “O matrimônio é um caminho divino, grande e maravilhoso, e, como tudo o que é divino em nós, tem manifestações concretas de correspondência à graça, de generosidade, de entrega, de serviço”[16].

Devemos aprender a amar. “Amar é... não albergar senão um único pensamento, viver para a pessoa amada, não se pertencer, estar submetido venturosa e livremente, com a alma e o coração, a uma vontade alheia... e ao mesmo tempo própria”[17].

Amar necessita tempo e requer esforço. Devemos aprender a aprofundar no amor do cônjuge, procurando ter um conhecimento do ser amado cada vez mais fino, mais intenso e mais confiado. É necessário dilatar o próprio coração e o do cônjuge, procurar atenuar os seus limites com generosidade e, sobretudo, perdoar e ser misericordioso: fazer todo o possível para viver o dom de si,

ao serviço do outro.

Cristo é o nosso modelo: “o Pai me ama – afirma o Senhor – porque dou a minha vida. E assim, eu a recebo de novo. Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade”[18]. É essa a vocação para o matrimônio: dar a própria vida por quem se ama. Por isso, os esposos devem deixar-se renovar por Jesus Cristo, que atua e transforma os seus corações. A oração dos esposos é vital para que ambos permaneçam em Deus, tenham uma paz sobrenatural perante as dificuldades – que assim serão analisadas na sua justa medida –, e saibam oferecer as penas, as fraquezas, e também as alegrias.

“Os casados estão chamados a santificar o seu matrimônio e a santificar-se a si próprios nessa união; por isso, cometeriam um grave erro se edificassem a sua conduta espiritual de costas para o lar, à margem do lar”[19].

O amor manifesta-se nas *coisas pequenas*: palavras, gestos de afeto, detalhes. “O segredo da felicidade conjugal está no cotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria escondida de chegarem ao lar; no trato afetoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que toda a família colabora; no bom-humor perante as dificuldades, que é preciso enfrentar com esportivismo; é também no aproveitamento de todos os avanços que nos proporciona a civilização, para tornar a casa agradável, a vida mais simples.”[20].

Os esposos devem ser verazes e amorosos, sinceros e simples; expressar-se com inteligência, com abordagens positivas e construtivas, sem dar importância aos pequenos ou grandes atritos que se apresentam na vida diária. Não quererão moldar o outro à medida dos seus desejos, o aceitarão tal como é, com os seus defeitos e qualidades, procurando – ao mesmo tempo – ajudá-lo com paciência e verdadeiro carinho.

Esforçar-se-ão por ser humildes, reconhecendo as suas próprias limitações para não dramatizar as do outro. Procurarão perceber a riqueza, mais do que as fraquezas do outro.

Serão, sobretudo, misericordiosos, como Cristo foi misericordioso. O rancor e o ar de zangado, *asfixiam* e limitam. As nostalgias e comparações, destroem e isolam.

No entanto, as crises são normais num casal. São o sinal de que algo deve mudar. Os esposos esforçar-se-ão por preservar a sua relação, decidir o que se deve fazer ou dizer, para que o amor ressurgja, cresça e se consolide. Porão os meios para criar um ambiente de segurança e de confiança, porque nada há pior do

que “a indiferença”^[21] e, sobretudo, apoiar-se-ão na ajuda divina, que não lhes faltará, pois contam com a graça específica do sacramento do Matrimônio.

Além disso, terão que proporcionar o toque positivo, a pincelada maravilhosa, imprescindível, dar-se sem medida, amar antes de atuar, entregando-se ao Senhor. Verão o outro, como caminho para a sua santificação pessoal, aprofundando a fé: a fim de amar mais e melhor.

Pascale Laugier

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1604

[2] Cfr. *Gn* 1, 26-27

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1603

[4] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 23

[5] *Catecismo de la Iglesia Católica*, n. 1604

[6] Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 24

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1608.

[8] *Catecismo da Igreja Católica* n. 1615.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1643. Remete para São João Paulo II, Exort. Ap. *Familiaris consortio*, n. 13, 22-XI-1981: AAS 74 (1982) 96.

[10] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1647.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2366.

[12] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2367.

[13] *Ibidem*

[14] Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 49

[15] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1642

[16] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 93

[17] São Josemaria, *Sulco*, n. 797

[18] *Jo* 10, 17-18

[19] São Josemaria, *É Cristo que Passa*, n. 23

[20] São Josemaria, *Questões atuais do cristianismo*, n. 91

[21] Papa Francisco, *Mensagem para a Quaresma 2015*

A INTIMIDADE NO CASAMENTO: FELICIDADE PARA OS ESPOSOS E ABERTURA À VIDA

1. O amor como vocação fundamental

O amor é a vocação fundamental inata da pessoa humana como

imagem de Deus[1]; e o casamento é um dos modos específicos de realizar integralmente essa vocação da pessoa humana para o amor. Por isso mesmo, é a causa para a realização pessoal dos esposos.

Dizia São Josemaría: “o amor humano e os deveres conjugais fazem parte da vocação divina”[2]; assim, em outra ocasião, recordava-lhes “que não devem ter medo de expressar o seu carinho, antes pelo contrário, pois essa inclinação é a base da sua vida familiar”[3].

É claro, no entanto, que não é qualquer forma de relação entre os esposos que serve como expressão do amor humano, nem – neste caso – do amor conjugal. Só a forma de relacionar-se que recebe o nome de amor conjugal cumpre esse objetivo, pois é consequência da doação recíproca pessoal surgida da aliança matrimonial e, por isso, própria dos esposos. O pacto conjugal cria entre eles um modo específico de ser, de amar-se, de conviver e de procriar: o conjugal, que se expressa numa variedade de atos e comportamentos do acontecer íntimo cotidiano.

2. A sexualidade humana é parte integrante da capacidade concreta de amar que o ser humano tem, por ser imagem de Deus.

A pessoa humana em abstrato não existe, mas a pessoa sexuada; porque a sexualidade é constitutiva do ser humano. “A sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, em sua unidade de corpo e alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e, de uma maneira mais geral, à aptidão a criar vínculos de comunhão com os outros”[4]. A sexualidade é inseparável da pessoa; não é um simples atributo, um dado a mais. É um modo próprio de ser. É a própria pessoa que sente e se expressa por meio da sexualidade. O amado, no amor conjugal, é a pessoa inteira do outro, enquanto e porque é varão ou mulher.

Tanto o homem como a mulher são imagem de Deus como pessoa humana sexuada. “E como todos nós sabemos, a diferença sexual está presente em muitas formas de vida, na longa escala dos seres vivos. Mas unicamente no homem e na mulher ela tem em si a imagem e a semelhança de Deus: o texto bíblico repete-o três vezes, em dois versículos (26-27): homem e mulher são imagem e semelhança de Deus. Isto diz-nos que não apenas o homem em si mesmo é imagem de Deus, não só a mulher em si mesma é imagem de Deus, mas também o homem e a mulher, como casal, são imagem de Deus. A diferença entre homem e mulher não é para a contraposição, nem para a

subordinação, mas para a comunhão e a geração, sempre à imagem e semelhança de Deus”[5].

3. Os esposos respondem à vocação ao amor na medida em que as suas relações recíprocas podem ser descritas como amor conjugal

É necessário, por isso, identificar adequadamente o que é e quais são as exigências do amor conjugal. De acertar ou não na resposta vai depender a felicidade dos esposos. Quais são as notas e as exigências características do amor conjugal? Ele é plenamente humano, total, fiel, exclusivo e fecundo[6].

a) *O amor conjugal é plenamente humano e total.* Deve envolver a pessoa dos esposos em todos os seus níveis: corpo e espírito, sentimentos e vontade, etc. É um amor de entrega onde o desejo humano, que inclui também o “eros”, dirige-se à formação de uma comunhão de pessoas. Não seria conjugal o amor que excluísse a sexualidade ou o que, no outro extremo, a considerasse um mero instrumento de prazer. Os esposos têm de compartilhar tudo sem reservas e cálculos egoístas, amando cada um o seu consorte não pelo que dele recebe, mas por ele mesmo. Não é, pois, um amor autenticamente humano e conjugal o que teme dar tudo quanto tem e dar-se totalmente a si mesmo, o que só pensa em si, ou mesmo o que pensa mais em si do que na outra pessoa.

b. *Um amor fiel e exclusivo.* Se o amor conjugal é total e definitivo, tem de ter também como característica necessária a exclusividade e a fidelidade. “A união íntima, prevista pelo Criador, por ser uma doação mútua de duas pessoas, homem e mulher, exige a plena fidelidade dos esposos e impõe sua unidade indissolúvel”[7]. A fidelidade não só é conatural ao casamento como também fonte de felicidade profunda e duradoura. Positivamente, a fidelidade comporta a doação recíproca sem reservas nem condições; negativamente, implica que se exclua qualquer intromissão de terceiros – e em todos os níveis: pensamentos, palavras e obras – na relação conjugal.

c. *E um amor fecundo, aberto à vida.* O amor conjugal está orientado a prolongar-se em novas vidas; não termina nos esposos. A tendência à procriação pertence à natureza da sexualidade. Consequentemente, a abertura à fecundidade é uma exigência da verdade do amor matrimonial e um critério da sua autenticidade. Os filhos são, sem dúvida, o dom mais excelente do matrimônio e contribuem muito ao bem dos próprios pais (outra coisa diferente é que, de fato, surjam ou não novas vidas).

Essas características do amor são inseparáveis: se faltasse uma delas, as outras também não compareceriam. São aspectos da

mesma realidade.

4. O amor conjugal: dom e tarefa

O amor dos esposos é dom e derivação do próprio amor criador e redentor de Deus. O sacramento do matrimônio, concedido aos esposos como dom e graça, é uma expressão do projeto de Deus para os homens e do seu poder salvífico, capaz de levar-lhes até a plena realização do seu desígnio. Além de ser um dom, o matrimônio implica uma tarefa do varão e da mulher; uma tarefa que implica a liberdade e a responsabilidade, e a fé.

O amor conjugal não se manifesta em um só ato, mas se expressa em uma variedade de obras diárias grandes ou pequenas. É uma disposição estável (um hábito) da pessoa e, ao mesmo tempo, uma tarefa. O amor conjugal é exigente e está chamado a ser cultivado. Como virtude, os esposos têm de construí-lo constantemente, conforme as circunstâncias de cada um e dos esforços e afogadilhos de cada dia.

“O segredo da felicidade conjugal está no cotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria escondida de chegarem ao lar; no trato afetuoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que toda a família colabora; no bom humor perante as dificuldades, que é preciso enfrentar com esportivismo.”^[8]

A felicidade conjugal não é possível se a relação não é cultivada e cuidada dia a dia, por meio de gestos concretos de amor – expressos em palavras, em gestos de ternura, em detalhes de carinho, em atos de generosidade, de confiança, de sinceridade, de cooperação, etc. –, que tornam realidade o mútuo compromisso de viver no amor (en-amor-dados).

Javier Escrivá Ivars

^[1] Cfr. Gen. 1, 27

^[2] Questões Atuais do cristianismo, 91.

^[3] É Cristo que Passa, 25.

^[4] Catecismo da Igreja Católica, 2332.

^[5] Papa Francisco, Audiência 15-IV-2015.

^[6] cfr. Humanae vitae, 9.

^[7] Concilio Vaticano II, Const. Gaudium et spes, 48, 49 y 50. A fidelidade não deve ser vista apenas como uma resposta a um compromisso, mas, acima de tudo, como a consequência lógica que deriva do amor total, da doação pessoal mútua sem reservas nem limites. Um amor com essas características não pode deixar de ser exclusivo e para sempre.

[8] “... Pobre conceito tem do matrimônio — que é um sacramento, um ideal e uma vocação — quem pensa que a alegria acaba quando começam as penas e os contratempos que a vida sempre traz consigo.” Questões atuais do cristianismo, 91.

A INTIMIDADE NO CASAMENTO: FELICIDADE PARA OS ESPOSOS E ABERTURA À VIDA (2)

1. A expressão e perfeição do amor conjugal nos atos próprios dos esposos

O casamento, como união conjugal, orienta-se para a ajuda mútua interpessoal dos cônjuges e para a procriação, recepção e educação dos filhos.

As forças instintivas, emocionais e racionais que se encontram presentes na dimensão sexual dos esposos ordenam-se e transformam-se em dignas da pessoa humana e do amor matrimonial, quando se realizam presididas pelas características essenciais do amor e da união conjugal: no contexto de um amor indissolúvelmente fiel e aberto à vida. No casamento, neste sentido, também ocorre um aprendizado da inclinação sexual, em que não cabe a libertinagem.

O ato conjugal é o ato próprio e específico da vida matrimonial. É o modo típico com o qual os esposos se expressam como “uma só carne”[1], e chegam a conhecer-se mutuamente na sua condição específica de esposos. É o ato no qual os cônjuges comunicam, de fato, a mútua doação que confirmaram na palavra ao contraírem matrimônio; é a linguagem que usam mutuamente: “eu te amo incondicionalmente, fielmente, para sempre e com todo o meu ser. Estou comprometido a formar contigo uma família”.

A união sexual é um ato de entrega, e por isso é um gesto exclusivamente marital. Supõe o compromisso matrimonial prévio, e a decisão real de expressar e realizar cada relação conjugal como um ato de verdadeira entrega, onde cada cônjuge busque primeiro e, sobretudo, o bem e a satisfação do outro[2]. Nesse contexto, é normal e bom que dentro do casamento haja mostras do amor que os unam e os faça felizes por estar juntos. Estas demonstrações de amor são muito diferentes e íntimas, são um dom de Deus e do cônjuge. Só por razões justas seria aceitável dentro da relação matrimonial prescindir deste tipo de união entre os esposos.

A intimidade física não só é um dos meios mais altos de expressar

amor e unidade; também é a forma pela qual os filhos chegam à família. “A união do homem e da mulher no casamento é uma maneira de imitar na carne a generosidade e a fecundidade do Criador”; por isso é formosa e sagrada[3]. Como espaço da ação criadora de Deus na transmissão da vida, a união dos esposos deve ser sinal do amor de Deus.

Como consequência, “os atos pelos quais os esposos se unem em intimidade e pureza são honestos e dignos; realizados de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão”[4]. O ato conjugal não só é moralmente bom, mas quando está presidido pela caridade, é santo e fonte de santificação para os casados[5]. É uma consequência imediata da doutrina sobre o casamento como caminho de santidade. Neste contexto, São Josemaria dizia: “O que o Senhor Ihes pede é que se respeitem e que sejam mutuamente leais, que se confortem com delicadeza, com naturalidade, com modéstia. Dir-Ihes-ei também que as relações conjugais são dignas quando são prova de verdadeiro amor e, portanto, estão abertas à fecundidade, aos filhos”[6].

O ato conjugal servirá à realização do bem dos cônjuges se é verdadeiramente conjugal; isto é, se é expressão de doação mútua, que, como elementos essenciais, comporta: a atitude de abertura à paternidade ou maternidade; o respeito à pessoa do outro e o domínio dos próprios instintos, que se encaixam de tal modo que o desejo não escraviza, mas deixa a liberdade necessária para doar-se ao outro. Esta é uma das razões pelas quais a castidade é um elemento necessário da verdade do amor conjugal[7].

2. A castidade: virtude dos apaixonados

A castidade, nas palavras do Catecismo, é “*uma virtude moral e também um dom de Deus*”[8]. Uma virtude para cultivar e um dom que nos é presenteado: é um dom e uma tarefa. A sexualidade no casamento deve ser vivida a partir da castidade. A castidade como virtude implicará, no caso dos casados, atuar conforme a sua realidade vital: buscar o bem do cônjuge, praticar a fidelidade conjugal e estar abertos ao dom da vida.

Viver a castidade é viver o amor em plenitude[9]. Às vezes, os esposos podem ver a chamada a ser castos e puros como algo que limitaria seu carinho: até onde podemos chegar? O que a Igreja permite e o que proíbe? Mas a castidade no casamento não é um *não* a certas coisas. Se bem que exclui certos comportamentos que não são dignos, esta é acima de tudo um

sim ao outro[10] . É o cuidado do amor único e exclusivo para o outro.

A castidade não é menosprezo nem descarte da sexualidade ou do prazer sexual, mas força interior que liberta a sexualidade dos elementos negativos (egoísmo, agressividade, atropelo, coisificação do outro, narcisismo, luxúria, violência...) e a promove à plenitude do amor autêntico. É a virtude que permite ter o senhorio ou domínio sobre esta dimensão humana[11].

A castidade implica uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana. A castidade conjugal permite aos esposos integrar os sentimentos, os afetos e as paixões num bem superior que os libera do egoísmo e os capacita para amar de verdade respeitando-se mutuamente. Em outras palavras, a castidade é a valorização da sexualidade como afetividade comprometida, fiel, leal e respeitosa da situação de cada um[12].

3. Ajudar-se mutuamente: a intimidade conjugal

Muitas pessoas confundem a intimidade conjugal com as relações maritais, mas a verdadeira intimidade é muito mais que isso: é essa relação que mantém forte e unida a relação dos esposos, é a união profunda entre duas pessoas que se amam[13]. A intimidade conjugal exige e se manifesta na entrega mútua e cresce a partir das diferenças, inclusive discussões, sobre os detalhes da vida diária até aos instantes em que um confia ao outro os sentimentos mais íntimos, aqueles que não compartilhariam com mais ninguém. Para que exista essa intimidade, os esposos devem criar conjuntamente, uma ponte de união profunda – formada por pilares de conhecimento mútuo, de confiança, de diálogo, de generosidade, de respeito, de admiração, de compreensão, de atração física, de ternura, de sentido de humor, de proximidade, etc. – que é possível cruzar quando há dois seres de se desejam e se amam incondicionalmente.

Os esposos que vivem essa intimidade com generosidade buscam uma união mais completa e profunda de todo o seu ser, de seus corpos, de suas mentes e de seus espíritos. Ambos os cônjuges tem esse desejo de cumplicidade, de conhecer-se e de se entregarem mutuamente. Estes esposos compartilham paixão, sentimentos e emoções, fazem planos e tomam decisões juntos; em poucas palavras, têm uma vida em comum, essa vida é dos dois, algo que os faz únicos, que faz única a sua relação matrimonial. Essa intimidade conjugal transcende aos cônjuges e os leva a formar uma família na qual existe a abertura à vida e se

tenta também ser fecundos socialmente.

Todos os fins se entrelaçam uns aos outros e, se quiserem obter plena e equilibradamente, é preciso buscá-los todos, conjunta e harmoniosamente, sem contradições artificiais. Ao mesmo tempo, convém ter muito claro que a mútua ajuda não é um meio para a obtenção de outros fins, mas um fim em si mesmo. Esposo e esposa não somente se complementam e ajudam quanto à geração e educação dos filhos que tiverem; também se complementam em si mesmos, pois cada um é o bem do outro.

“Para um cristão, o matrimônio não é uma simples instituição social, e menos ainda um remédio para as fraquezas humanas: é uma autêntica vocação sobrenatural... Os casados estão chamados a santificar o seu matrimônio e a santificar-se a si próprios nessa união; por isso, cometeriam um grave erro se edificassem a sua conduta espiritual de costas para o lar, à margem do lar. A vida familiar, as relações conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o esforço necessário para manter a família, para garantir o seu futuro e melhorar as suas condições de vida, o convívio com as outras pessoas que constituem a comunidade social... tudo isso são situações humanas, comuns, que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar”^[14].

Javier Escrivá Ivars

[1] Cfr. Gen. 2, 24

[2] Por isso, qualquer ato contrário a esta fidelidade e exclusividade implica um grave atentado ao próprio cônjuge.

[3] Catecismo da Igreja católica, n. 2335.

[4] Concílio Vaticano II, Constituição *Gaudium et Spes*, n. 49.

[5] Cfr. São Josemaria, *Amigos de Deus*, 184.

[6] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 25. O mesmo deve ser dito sobre o uso do casamento, quando se sabe que, por motivos alheios à vontade dos cônjuges, a procriação não ocorre.

[7] Cfr. A. Sarmiento, *El matrimonio cristiano*, p. 387.

[8] Catecismo da Igreja católica, n. 2345. O Catecismo também explica que “A virtude da castidade é comandada pela virtude cardeal da temperança, que tem em vista fazer depender da razão a paixões e os apetites da sensibilidade humana” (n. 2341). Mas o que é realmente a Castidade? O Catecismo diz que “A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual” (n. 2337). É uma virtude adquirida por meio de “uma aprendizagem do domínio de si que é uma pedagogia da

liberdade humana” (n. 2339).

[9] Cfr. Catecismo da Igreja católica, n. 2331-2391.

[10] Cfr. Conselho Pontifício para a família, *Sexualidade humana: verdade e significado* (8-12-1995); Idem, *Vademecum para os confessores sobre alguns temas de moral* (12-02-1997).

[11] Não se trata de um exercício ascético de renúncia; em essência, é um dom de Deus. Certamente pressupõe luta, como toda virtude moral; mas é graça que o Espírito Santo concede no batismo e no sacramento do matrimônio (cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 2345). Daí a necessidade absoluta de oração humilde para pedir a Deus a virtude da castidade.

[12] “Todo batizado é chamado à castidade. O cristão ‘se vestiu de Cristo’, modelo de toda castidade. Todos os fiéis de Cristo são chamados a levar uma vida casta segundo seu específico estado de vida. No momento do Batismo, o cristão se comprometeu a viver sua afetividade na castidade”.

[13] Cfr. Erich Fromm, *A arte de amar*.

[14] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 23.

AMOR CONJUGAL E VIDA DE PIEDADE

Temos uma grande sorte porque o matrimônio não é coisa de dois, mas de três. E quem é o terceiro, estarão pensando? Ora, além dos cônjuges existe alguém ainda mais interessado em levar para frente o projeto de cada casamento, o projeto de santidade de cada cônjuge: Deus.

Jesus Cristo elevou o matrimônio natural à alta categoria de sacramento, para dar uma graça especial a cada um dos esposos ao iniciar este caminho apaixonante de formar uma nova ‘igreja doméstica’; e, além disso, não nos deixa sozinhos, mas *entra* na nossa vida, é como se nos dissesse: “Eu me envolvo em tudo o que é de vocês, pequeno ou grande, permanente ou passageiro; percorrereis meu caminho, haverá todos os tipos de momentos, estaremos em Nazaré, em Betânia... e no Calvário; porém não acaba aí, porque também haverá Ressurreição; mas, confiai, pois Eu estarei sempre com vocês animando os seus dias”.

Como dizia São Josemaria: “O matrimônio existe para que aqueles que o contraem se santifiquem através dele: para isso os cônjuges têm uma graça especial conferida pelo sacramento instituído por Jesus Cristo. Quem é chamado ao estado matrimonial encontra nesse estado — com a graça de Deus —

tudo o que necessita para ser santo, para se identificar cada dia mais com Jesus Cristo, e para levar ao Senhor as pessoas com quem convive[1]”.

A vida conjugal é um autêntico itinerário de santidade cristã, e o *truque* que qualquer casal busca para conseguir a felicidade consiste em fazer a vontade de Deus em cada situação e amar muito, muito, como Ele nos tem amado. Por isso, numa família, quando um está atento aos outros, é mais feliz, porque os demais – e logicamente Deus – se preocupam com a sua felicidade: e Ele nunca falha.

Como nos disse o Papa Francisco na sua catequese sobre a família: “a sabedoria da criação de Deus, que *confiou à família* não o cuidado de uma intimidade com o fim em si mesma, mas o emocionante *desígnio de tornar o mundo «doméstico»*. A família está no início, na base desta cultura mundial que nos salva; ela salva-nos de muitos ataques, destruições e colonizações, como a do dinheiro ou das ideologias que ameaçam em grande medida o mundo. A família é a base para se defender!”[2].

Neste sentido, vale a pena recuperar o significado do matrimônio sacramental. Não só como um evento festivo ou familiar – que também é, mas porque entendemos profundamente o que vamos fazer: a recíproca entrega-aceitação de nossas pessoas em sua conjugalidade, participando do mistério de amor entre Cristo e a sua Igreja. Por isso a etapa do namoro é tão importante para ir colocando Deus no centro da nossa vida pessoal: para que chegue a formar parte de um você, um eu e de um nós aberto aos filhos, e às outras famílias. O homem não poderá descobrir o melhor da mulher se não estiver perto de Deus, e a mulher não poderá descobrir o melhor do homem se não estiver perto de Deus. Estar ou não perto de Deus é a chave para a felicidade matrimonial.

Também podemos ser – sem nenhum mérito nosso – luz para os outros, através do nosso casamento. Luz que diga – sem dizer – que Deus está na nossa vida porque no nosso casamento e na nossa família as coisas se *sobrenaturalizam, com naturalidade*; não fazemos nada de estranho: trabalhamos como os outros, saímos e nos distraímos como os outros, rimos como os outros, temos as inquietações próprias da nossa idade, sonhos, fantasias que talvez realizemos ou não. Porém procuramos colocar tudo nas mãos de Deus: esta é a diferença... e o vivemos com uma alegria profunda: porque quando um filho tem problemas, ou se parece que os filhos não vêm, ou diante de uma doença, choraremos como os outros, porém com os pés na terra e os

olhos dirigidos ao céu.

“A caridade levará a compartilhar as alegrias e os possíveis dissabores, a saber sorrir, esquecendo as preocupações pessoais para atender os demais; a escutar o outro cônjuge ou os filhos, mostrando-lhes que são queridos e compreendidos de verdade; a não dar importância a pequenos atritos que o egoísmo poderia converter em montanhas; a depositar um amor grande nos pequenos serviços de que se compõe a convivência diária”[3].

Rezar juntos em família – respeitando a liberdade e a idade de cada um dos filhos: a fé é transmitida, não imposta – é algo recomendado pela tradição cristã, pois através dessas práticas de piedade familiares pequenas mas concretas, a fé foi transmitida de geração em geração: rezar pela manhã – o oferecimento a Deus do nosso dia –, o Ângelus ao meio-dia, e as três Ave Maria à noite; rezar ao começar uma viagem; assistir juntos a Missa dominical; e talvez rezar o terço em família, porque como se diz: “a família que reza unida permanece unida”, mas sempre. Entre essas orações, a bênção à mesa é muito familiar, como nos recorda *Laudato si'*: “Uma expressão desta atitude [contemplativa diante da criação] é parar a agradecer a Deus antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este hábito importante e o vivam profundamente. Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados”[4].

Os esposos temos o dever conjugal, que prometemos no dia do nosso casamento, da ajuda mútua, e ajudar ao outro é abrir-lhe um horizonte para que possa aproveitar o melhor, e logicamente, animá-lo a estar perto de Deus – sem sufocar, nem importunar indevidamente; porque o melhor modo de atrair a Deus, e o mais eficaz, o *compele intrare* (Lc 14,23) do evangelho, é amar e rezar pelo outro cônjuge e pelos filhos –, porque o mais importante para um é levar o outro cônjuge para o céu, mas ajudando-o a apreciar o bem por si mesmo.

É preciso respeitar os tempos de cada um, as possíveis crises: estando, acompanhando, rezando e não sufocando. Mas o contrário também: respeitar o outro em seus momentos de intimidade com Deus, mesmo que o outro não os compartilhe, é algo que não empobrece nosso casamento, mas o enriquece. É importante o respeito mútuo, e mais ainda no que diz respeito à consciência, que é o lugar onde cada um abre a sua intimidade ao

Senhor, o lugar onde a nossa liberdade toma as decisões mais transcendentais de sua vida. A intimidade com Deus é pessoal e cada um deve descobrir o seu caminho para Ele, que certamente passa pelo outro cônjuge: isto é muito enriquecedor para ambos. Deus se envolveu conosco nesta aventura do casamento, porque quis, porque nos ama profundamente e deseja nossa felicidade, e porque quer que sejamos luz para os outros, e que formemos uma autêntica 'Igreja doméstica' com os nossos filhos. "Na medida em que a família cristã acolhe o Evangelho e amadurece na fé torna-se comunidade evangelizadora (...). Esta missão apostólica da família tem as suas raízes no batismo e recebe da graça sacramental do matrimônio uma nova força para transmitir a fé, para santificar e transformar a sociedade atual segundo o desígnio de Deus"[5]. Como é grande a missão a que Deus chamou aos esposos, e que pôs em suas mãos! Que maravilhosa responsabilidade estar no próprio surgir de uma sociedade renovada pela caridade de Cristo, e que urgente é a necessidade da sua ajuda!

Rosamaría Aguilar

[1] São Josemaria Escrivá, Questões atuais do cristianismo, 91

[2] Papa Francisco, Audiência, 16/09/2015

[3] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa* n. 23

[4] Papa Francisco, Encíclica *Laudato Si'*, n. 27

[5] Papa João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 52

O BEM DOS FILHOS E A PATERNIDADE RESPONSÁVEL (1)

Nada tão prático quanto uma boa teoria

Ao afirmar que quem não vive como pensa acaba pensando como vive, a sabedoria popular não diz tudo e nem sequer o mais importante.

Porque se é verdade que quem não luta para corrigir um comportamento errado muitas vezes termina adotando uma teoria que a justifique, também é verdade que uma compreensão adequada das realidades fundamentais constitui a melhor e mais permanente ajuda para uma conduta correta.

Entre essas verdades, nenhuma influencia tanto o comportamento como a compreensão profunda de que qualquer homem ou

mulher é *pessoa*. E nenhuma determina tão eficazmente a atitude dos cônjuges entre si e em relação a seus filhos.

Por isso, a consideração pausada das consequências de ser *pessoa*, longe de nos separar da prática educativa, introduz-nos no seu próprio coração, e ao mesmo tempo ilumina a partir de dentro o sentido mais profundo da *paternidade responsável*.

Pessoa e filho de Deus

Podemos imaginar a grandeza da descoberta da condição pessoal, unida historicamente à difusão do cristianismo, ao responder à pergunta: “Qual deve ser o valor de cada homem, se o Verbo de Deus decidiu encarnar-se e morrer na Cruz para devolver-lhe a possibilidade de gozar dEle e com Ele por toda a eternidade?”

A verdade era tão inegável como sublime e surpreendente. E as suas consequências práticas tão profundas e cotidianas, que os primeiros a vislumbrá-la temeram não estar à altura de tanta maravilha e esquecer, nem que fosse por um momento, a impressionante grandeza dos que os rodeavam.

Quiseram assegurar então que a própria palavra com que se referiam a eles trouxesse a sua mente o valor quase infinito de qualquer homem ou mulher, de “cada um de todos”.

É exatamente isso o que a palavra *pessoa* indica, utilizada desde então para designá-los: a magnitude indescritível e a absoluta e insubstituível singularidade de cada ser humano, correlativa, no reino da graça, à condição de *filhos de Deus*.

Seguindo uma pauta divina

A filosofia e a teologia endossam o que os homens de boa vontade intuem e qualquer cristão sabe com certeza: a única coisa que pode levar Deus a criar é o bem das criaturas às que pensar dar o ser, e em particular, o das pessoas: Ele não *ganha* nada ao criar-nos, porque o que seu Bem é infinito e não admite crescimento.

Com palavras mais claras: cada um dos seres humanos é resultado do Amor infinito de Deus, que quer o melhor para ele.

E como não existe nada melhor que o próprio Deus, Deus cria o homem à sua imagem e semelhança – torna-o capaz de conhecê-lo e amá-lo – e, elevando-o à ordem da graça, destina-o a unir-se definitivamente a Ele, introduzido na sua própria Vida, num diálogo eterno e poderosamente unitivo de conhecimento e amor.

Para se referir a essa condição final do ser humano, Tomás de Aquino usa expressões tão audazes como profundas: os homens estamos chamados a “atingir” ou “tocar” a Deus (*atingere Deum*),

transformando-nos em “deuses” por participação (*participative dii*). Se Deus pode ser descrito como um Ato infinito e perfeito de Amor de Deus, seremos inteiramente semelhantes a Ele quando, ao final, levados por sua graça, todo nosso ser se resume e transforme em um também perpétuo e gozoso ato... de amor de Deus.

Deuses por participação: esse é o nosso destino e o índice mais soberano da nossa grandeza.

Como “responder” à grandeza dos nossos filhos

Sobre essa convicção construiu-se e continua a fundamentar-se o melhor da nossa civilização; e sobre a mesma base, enriquecida e tornada eficaz através do diálogo com Deus, deve edificar-se a relação dos cônjuges entre si e com cada filho.

Sempre e em qualquer circunstancia, ao referir-se a seus filhos, um pai e uma mãe devem considerar que se encontram diante de uma *pessoa* e que, com sua própria atitude e maneira de trabalhar, devem *responder* à grandeza dessa índole pessoal.

No seu sentido mais amplo e profundo, a paternidade *responsável* indica a qualidade do comportamento dos pais que *respondem* como pessoas à nobreza indescritível, e impossível de exagerar, de uns filhos que também são pessoas.

Além do respeito genérico, e inclusive da veneração e da reverência, essa resposta só se expressa adequadamente com uma palavra: *amor*, profundamente entendido como a busca coerente e decidida do bem do ser amado.

Cooperadores de Deus

A vida na terra, então, mais do que como uma “prova”, deve ser concebida como a grande oportunidade que Deus oferece para aumentar a nossa capacidade de amar, sendo cada vez mais felizes já neste mundo, de modo que, ao concluir nossa existência terrena, e tendo expandido as fronteiras do nosso coração, Deus “caiba” mais na nossa alma e gozemos mais Dele por toda a eternidade.

O pai e a mãe devem colaborar com Deus nesta tarefa, de uma forma muito particular, derivada de sua condição de pais.

O Modelo é, de novo, o próprio Deus. Se, para nos salvar, Jesus Cristo se “aniquilou”, manifestando assim a infinitude do Amor divino, para educar – que no fundo é ensinar a amar – o pai e a mãe devem saber também “desaparecer” em benefício de cada filho. Quer dizer, seus interesses, suas capacidades, seus sonhos mais nobres só contam na medida em que souberem pô-las sem reservas a serviço do cumprimento do plano de Deus para cada filho.

Em outras palavras, na medida em que ajudam a cada filho a descobrir esse desígnio – único, mesmo que convergente com o de qualquer outro ser humano –, e estimulam e apoiam a sua liberdade; para que saibam dirigir-se por si mesmos à plenitude do Amor que lhes deu o ser e que os interpela para que retornem a Ele livremente.

Co-criadores responsáveis

Esse direito-dever deriva, como dizia, da sua condição de pais. Como recorda também Tomás de Aquino, aqueles que foram a causa do surgimento de uma realidade, devem ser também o motor do seu desenvolvimento: podem e devem.

Um filho nada mais é do que a síntese do amor dos cônjuges entre si, intimamente ligados ao amor de Deus, que cria a alma. Por isso corresponde aos pais cooperar com Deus na educação de cada filho, como um direito inalienável, que ao mesmo tempo é um dever do qual ninguém os pode dispensar: por serem realmente seus pais, por sua condição de co-criadores.

Deus não necessitava de nada nem de ninguém para dar a vida a qualquer ser humano. Porém também quis associar-nos a Ele na sua ação criadora, fruto do seu Amor infinito, elevando-nos de certo modo à altura de co-criadores.

E fez isso “do seu jeito”, tendo em conta a sublimidade e, por assim dizer, a grandeza do resultado da sua ação criadora: cada pessoa humana, que exige ser tratada sempre com amor, porém muito especialmente no instante prodigioso em que começa a sua existência, que é condição de possibilidade de qualquer outro momento e situação.

Por isso, para realizar a criação de cada nova pessoa humana, Deus buscou “algo” igualmente maravilhoso: se o infinito e todopoderoso Amor divino é o *Texto* que narra a entrada na vida do ser humano e a realiza – a Palavra de Deus é infinitamente eficaz –, o único *contexto* proporcionado a esse Amor sem medida deveria ser também um grandioso e gozoso ato de amor.

Refiro-me, como é fácil inferir, ao ato maravilhoso em que se unem intimamente um homem e uma mulher que, por amor, se entregaram mutuamente e por toda a vida.

Como sugeri, este conjunto de verdades, normalmente pouco consideradas, constituem o âmbito e o horizonte essenciais, onde se delinea a doutrina particular da paternidade responsável.

O que nela geralmente afirma-se – e que reservo para um artigo posterior – só se compreende sob a luz da sublimidade dos que participam mais diretamente na geração e no desenvolvimento de toda pessoa humana: Deus, o próprio filho, cada um de seus pais.

O BEM DOS FILHOS: A PATERNIDADE RESPONSÁVEL (PARTE 2)

A pessoa do filho

O artigo precedente estabelecia a grandeza de qualquer pessoa e, concretamente, das que participam mais no surgimento e desenvolvimento do ser humano.

Agora, ao cingir o nosso tema à procriação, a realidade do filho passa a primeiro plano, pois a respeito dela vários comportamentos podem ter a sua origem.

Pois, no fundo da atitude incondicional a favor da vida humana, surge a capacidade de apreciar que o filho – pela sua sublime condição pessoal e a margem de qualquer outra circunstância – tem um valor inestimável, uma bondade constitutiva que não seria possível exagerar.

Analogamente, o repúdio a uma nova vida esconde sutil e inconscientemente a consideração – difusa, mas operativa – de que o filho é um mal.

Um convencimento cujo enunciado explícito provoca pasmo e repulsa, porém fácil de compreender ao considerar os valores dominantes da nossa cultura.

O útil

Um olhar atento à realidade permite distinguir três tipos de bens ou, melhor, três aspectos ou dimensões do bem.

Os bens úteis são os de categoria inferior; tem sua bondade duplamente fora de si: na realidade para que servem e, de maneira definitiva, na pessoa que quer o que esses instrumentos fazem possível.

Daí que, sem mudar, deixem de valer quando já não existe – ou quando ninguém quer – aquilo para o que serviam; sem alterar-se nem deteriorar-se, a melhor chave de fenda perde toda sua utilidade se desaparecerem os objetos unidos por parafusos; e todo o dinheiro do mundo nada vale se ninguém estiver disposto a mover um dedo em troca dele.

O gozoso ou agradável

Os bens deleitáveis também possuem uma bondade escassa, porque não a tem completamente em si: no fundo, o seu valor depende de que alguém os queira e decida usá-los.

Por isso, a bondade do que só é apreciado por causa do prazer ou satisfação que gera, desaparece enquanto ninguém quer desfrutar

dele.

De fato, o útil e o agradável não são bons em si e por si. Em vez disso, o seu valor reside nas pessoas que os procuram, e valem ou são bons em função delas: trata-se de uma bondade relativa, dependente.

O digno

A pessoa, ao contrário, é um bem digno ou absoluto. Sua bondade radica em si mesma, no seu ser-pessoa, com independência total de qualquer circunstância: idade, sexo, saúde, comportamento, eficácia, posição social...

E assim deve ser amada e apreciada: por si mesma ou absolutamente, independentemente de qualquer outra condição.

Sem dúvida, os bens dignos podem gerar satisfação ou serem úteis, porém não é essa sua bondade fundamental ou primeira. A amizade, por exemplo, é fonte de alegrias incomparáveis e produz vários benefícios. Porém não é boa pelo prazer ou serviços que causa, mas situa-se a anos-luz acima deles.

Poderíamos dizer que é tão extraordinariamente boa em si, que também traz satisfações e benefícios que nenhuma outra realidade pode proporcionar. Porém ter amigos só por essas vantagens acrescentadas degrada ou prostitui a amizade: a relativiza, esquecendo que sua bondade é absoluta.

Uma cegueira generalizada

No entanto, em nossa civilização, os bens relativos foram impostos de tal modo que a própria noção de bem digno ou absoluto desapareceu.

Ano após ano, meus alunos do primeiro ano de filosofia discutem se esta é ou não útil, para acabar optando a favor da sua utilidade. A sua surpresa é enorme quando lhes explico que Aristóteles declara a filosofia radicalmente inútil, precisamente para manifestar a sua superioridade e nobreza. Para dar-me a entender, traduzo o termo inútil como supraútil, tentando compensar a ausência de significado da palavra digno.

De maneira parecida, depois de explicar-lhes detalhadamente que a filosofia não se subordina a outro objetivo, que o filósofo só procura saber por saber, quase todos o traduzem afirmando que o filósofo conhece pelo prazer de saber.

Como muitos dos nossos contemporâneos, às vezes, parecem incapazes de conceber o bom em e por si, e não em virtude do benefício ou satisfação que gera. Em tais circunstâncias, ao não ser compreendida, a bondade do que é digno “não existe”.

Você gosta de crianças?

A respeito da procriação, o problema surge quando, sem

consciência plena, a bondade do filho tende a ser medida com os parâmetros dos bens inferiores, coisa muito frequente.

Em discursos públicos, quando comento que tenho sete filhos, não é raro que algum dos assistentes me pergunte: “Você gosta muito de crianças, não é?” Geralmente faço uma pausa, olho-o fixamente por alguns segundos e acrescento em tom amável: “Gostar, gostar, o que gosto mesmo é de um bom presunto. A meus filhos amo-os com toda a alma”.

A reação geralmente é cordial, e não me custa muito fazê-los entender que um filho – uma pessoa – nunca deve converter-se em questão de gostos, caprichos ou inclinações desejos subjetivos.

É que digno está há anos luz acima do agradável e do útil. Rigorosamente, trata-se de bens imensuráveis, que nunca deveriam ser pesados na mesma balança. O digno se justifica por si mesmo e por si mesmo deve ser amado; o útil e deleitável, não. Como consequência, mais que conhecer os critérios que regem a procriação responsável – que sem dúvida tem que ser conhecidos – hoje se torna imprescindível desenvolver a aptidão – em geral atrofiada ou inexistente – para captar com profundidade a bondade própria do filho. Advertir que, para trazê-lo ao mundo, não é necessário um motivo maior do que a sua sublime grandeza; e o que requer outros motivos, sérios e proporcionais, é não querer trazê-lo ao mundo.

Estes motivos existem?

Para impedir a procriação ou eliminar seu fruto, não. Sim, em algumas situações, para deixar de pôr os meios pelos quais poderia ocorrer a procriação.

O filho constitui um bem absoluto, no sentido próprio do termo. Porém absoluto não significa infinito. E, precisamente por causa de sua finitude, sempre traz consigo certos males, os derivados da necessidade de atendê-lo, que poderiam ser considerados normais.

Diante deles, quando se ignora ou não conhece a bondade absoluta da pessoa, o filho passa, automaticamente, a ser considerado como um mal. Mas, pelo mesmo motivo, o serão também o cônjuge, os pais, os irmãos, os amigos...

Encontramos a lógica tremendamente individualista de Sartre, para quem «o inferno são os outros», e a única resposta, o isolamento: ou seja, a solidão, o mais autêntico inferno.

A exclusão do digno desemboca inevitavelmente num paradoxo, numa rua sem saída. Pelo contrário, o reconhecimento do filho como bem absoluto, relativiza esses males inevitáveis e

transforma-os em ocasião de crescimento pessoal.

Inconvenientes graves ou extraordinários

São os que afetam a outra ou as outras pessoas: perigo sério para a mãe gestante ou para a subsistência da família, cargas que a saúde física ou psíquica dos pais aconselha não assumir...

Em tais circunstâncias, a situação muda... e também deve modificar-se a atitude e o comportamento dos possíveis pais.

O critério de fundo é o que rege toda atuação moral: fazer o bem e evitar o mal, com as exigências próprias de cada parte deste enunciado.

Fazer o bem constitui o mais básico, fundamental e alegre dever do ser humano. Porém ninguém está obrigado a realizar todos os bens que, abstratamente, pudesse realizar. Entre outros motivos porque, ao optar por um deles, – uma profissão, um estado civil... – terá forçosamente que omitir todos os bens alternativos que, em tais circunstâncias, poderia escolher e executar.

Pelo contrário, nunca está permitido querer positivamente um mal ou impedir, também mediante uma ação dirigida diretamente a isso, um bem. O imperativo de evitar o mal, com o qual se completa o lado afirmativo da ética, não admite exceção.

A bondade do filho de novo

Realizamos estas reflexões tendo em vista, sobretudo, a grandeza da pessoa dos filhos, que, segundo afirma o Catecismo da Igreja Católica (núm. 1652), citando por sua vez o Vaticano II, “são o dom mais excelente do matrimônio e contribuem grandemente para o bem de seus pais”.

Precisamente com base nessa bondade íntima e constitutiva, que não é possível exagerar, no que diz respeito à procriação convém distinguir dois comportamentos opostos, e conhecer o princípio que permite distingui-los.

a) Se existem causas proporcionais, é moralmente lícito não querer fazer o necessário para uma nova concepção, embora nunca com intenção anticonceptiva, mas meramente não conceptiva: com outras palavras, é permitido deixar de querer a procriação de um novo filho e deixar de atuar a favor dela.

b) Porém nunca será moralmente legítimo pôr ativamente impedimentos para que o filho chegue à vida (anti ou contra concepção), pois isso equivaleria a querer positivamente um mal – que não exista a nova criatura – e trabalhar em consequência.

É a profunda diferença que separa a anticoncepção do uso adequado dos métodos naturais. Divergência que, apesar da habitual denominação, não é só, nem muito menos, questão de métodos.

Em suma, o critério principal continua sendo a bondade absoluta do filho. Aqueles que por razões graves decidem deixar de pôr os meios para uma nova concepção, têm de seguir considerando o possível filho como um grande bem, mas que não buscarão devido à sua condição atual.

Não fazem nada que se oponha à concepção, porém se abstêm de pôr os meios para que um novo ser humano receba a existência. E, se, à margem de sua vontade, Deus os abençoasse com outro filho, o aceitariam sem reservas, confiando na infinita Bondade e Onipotência divinas.

As famílias numerosas

Finalmente, a consideração da grandeza constitutiva de cada filho ajuda a entender, como lembra o Catecismo, que “a sagrada Escritura e a prática tradicional da Igreja” vejam “nas famílias numerosas um sinal da benção divina e da generosidade dos pais” (núm. 2373).

Certamente, existem casais aos quais Deus concede poucos filhos ou aos que não confere descendência, pedindo-lhes então que dirijam sua capacidade conjunta de amar para o bem de outras pessoas. Porém, também pelo que implica de generosidade, a criação e o cuidado de uma família numerosa, se tal for a vontade de Deus, é uma garantia de felicidade e de eficácia sobrenatural (cf. *É Cristo que passa*, n. 25).

Como afirmava Bento XVI, e talvez especialmente no momento presente, as famílias “com muitos filhos constituem um testemunho de fé, valentia e otimismo” (Audiência Geral, 2-XI-2005) e “dão um exemplo de generosidade e confiança em Deus” (Discurso, 18-I-2009); por sua vez, o papa Francisco exclamava: “dá alegria e esperança ver tantas famílias numerosas que acolhem os filhos como um verdadeiro dom de Deus” (Audiência geral, 21-01-2015).

Por outro lado, em muitas ocasiões Deus abençoa a generosidade desses pais, suscitando entre os seus filhos decisões de entrega plena a Jesus Cristo, e desejos de trazer também eles numerosos filhos ao mundo. São famílias que estão cheias de vitalidade humana e sobrenatural. Além disso, ao chegar à velhice, os pais se verão rodeados do afeto dos seus filhos e dos filhos de seus filhos.

Tomás Melendo

O CASAMENTO E O TEMPO QUE PASSA

A vida conjugal percorre várias etapas, desde o “apaixonar-se” até o amor de benevolência, passando pelo amor “maduro”. No entanto, a passagem do tempo, as circunstâncias pessoais de cada cônjuge, as dificuldades ou outros aspectos normais da vida, não alteram a essência do vínculo matrimonial que surge do consentimento mútuo dos esposos manifestado legitimamente: “do Matrimônio válido origina-se entre os cônjuges um vínculo que, por sua natureza, é perpétuo e exclusivo; além disso, no Matrimônio cristão, os cônjuges são robustecidos e como que consagrados por um sacramento especial aos deveres e à dignidade de seu estado.”[1].

Para o casamento, portanto, o consentimento inicial dos esposos é essencial. O consentimento constitui o matrimônio, de tal modo que sem ele não existe casamento. É nesse “sim, quero”, manifestado reciprocamente e com liberdade, que os esposos se *transformam* numa realidade nova, uma unidade na diferença de pessoas; ambos, por assim dizer, assumem uma aliança estável – o matrimônio – que é para toda a vida, que será o lugar onde cada um buscará a sua própria plenitude no bem e na felicidade do outro: só no matrimônio chegam a ser realmente uma só carne, uma só alma.

Desta união única, perpétua, surge a **ajuda mútua** que se concretiza no dia a dia dos cônjuges através de mil detalhes de apoio, cuidado, interesse... Detalhes que envolvem do mais íntimo e espiritual até o material: um “te amo”, um sorriso, um favor em ocasiões especiais, um “não dar importância a pequenos atritos que o egoísmo poderia converter em montanhas; depositar um amor grande nos pequenos serviços de que se compõe a convivência diária”[2]. Ou seja, a pessoa aprende a realizar a doação total e gratuita a que os esposos estão chamados.

A ajuda mútua própria do amor, que sempre quer mais porque ama mais, dirige-se também a *contemplar o que ainda é potencialidade*. A esse respeito Viktor Frankl disse: “O amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo. Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amar a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar estas

potencialidades”[3].

Esses detalhes, que alimentam a vida matrimonial e que não devem ser negligenciados à medida em que o tempo passa, aumentam e purificam o amor, são o reflexo tangível – e imprescindível, porque somos pessoas necessitadas das manifestações próprias do amor humano – da quantidade e da qualidade do amor: desse amor que pode *revelar as potencialidades ocultas*. Não esqueçamos que o amor é “adiantado”, é audaz, arriscado e valente até a ousadia para alcançar o seu objetivo: tornar melhor a pessoa que ama.

Essas manifestações amorosas tem que ser acompanhadas de otimismo – outro nome da esperança cristã – entendida como a “capacidade de transformar as falhas em *oportunidades* de aprendizagem e crescimento”[4]. Pois o crescimento é o fim da aprendizagem, em todos os aspectos da vida de uma pessoa.

Otimismo que deve ir acompanhado de boas maneiras, de agradecimento, que é uma forma de reconhecer no outro o bem que a sua presença e o seu amor nos proporcionam; da capacidade de perdoar e de pedir desculpas; de saber que somos frágeis e dependentes e, portanto, necessitados do favor e da ajuda do outro. São parte da fidelidade matrimonial e *defesa* perante os acontecimentos inevitáveis da vida.

O Papa Francisco, numa das suas catequese sobre o casamento e a família propôs em **três palavras** um refúgio, não isento de luta contra o próprio egoísmo, um caminho para sustentar o matrimônio: “são: «com licença», «obrigado», «desculpa». Estas palavras realmente abrem o caminho para viver bem na família, para viver em paz. Trata-se de palavras simples, mas não tão fáceis de pôr em prática! Elas encerram em si uma grande força: o vigor de proteger o lar, até no meio de inúmeras dificuldades e provações; ao contrário, a sua falta gradualmente abre fendas que até o podem fazer ruir”[5].

E continua o Papa: “a primeira palavra é «com licença». Quando nos preocupamos em pedir gentilmente até aquilo que talvez julgemos que podemos pretender, construímos um verdadeiro baluarte para o espírito da convivência matrimonial e familiar. Entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. Em síntese, a confiança não autoriza a presumir tudo. E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração”[6].

Em relação à segunda palavra, *obrigado*, disse o Papa: “Certas

vezes pensamos espontaneamente que estamos a tornar-nos uma civilização malcriada, de palavrões, como se eles fossem um sinal de emancipação. Ouvimo-las com frequência, inclusive publicamente. A gentileza e a capacidade de agradecer são vistas como um sinal de debilidade, e às vezes até chegam a suscitar desconfiança.

Esta tendência deve ser evitada no próprio coração da família. Devemos tornar-nos intransigentes sobre a educação para a gratidão e o reconhecimento: a dignidade da pessoa e a justiça social passam ambas por aqui. Se a vida familiar ignorar este estilo, também a vida social o perderá” [7].

Finalmente, em referencia ao *perdão*: “palavra difícil, e no entanto é deveras necessária. Quando ela falta, pequenas fendas alargam-se — mesmo sem querer — até se tornar fossos profundos”.

“Se não soubermos pedir desculpa, quer dizer que também não seremos capazes de perdoar. No lar onde as pessoas não pedem desculpa começa a faltar o ar, e a água estagna-se. Muitas feridas dos afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: «Desculpa»”[8].

Como conclusão, o Papa disse: “A família vive desta delicadeza do bem-querer”.

No dia a dia da convivência conjugal e familiar pode ser fácil *perder a compostura*, por mil motivos: cansaço, pressas, dificuldades, um trabalho profissional muito exigente em dedicação e resultados, preocupações pelos filhos, etc. No entanto, não podemos esquecer que a pessoa a quem nos dirigimos é a que um dia escolhemos livremente para percorrer juntos o caminho da vida e a quem nos entregamos por amor.

Evocar o passado, esperar o futuro

Durante a vida em comum, passamos por altos e baixos, inevitáveis, mas superáveis. É importante então, evocar o **passado**, o momento daquele primeiro encontro, singular, e da escolha dessa pessoa que nos parecia no princípio como excepcional e única com a qual partilho os meus dias. Trata-se de um exercício imprescindível da memória afetiva, que atualiza o carinho: porque convém, porque faz bem ao amor entendido como ato da inteligência, da vontade e do sentimento; e então recordamos (voltamos a colocar, com muito cuidado, no coração) todos aqueles traços particulares – também os defeitos e as limitações – que nos levaram a nos comprometermos, a amar “para sempre”.

Também prestamos atenção e cuidamos do **presente** com a disposição de sermos nós mesmos e fazer que o outro seja cada dia melhor, com entusiasmo renovado para reafirmar o amor e assim fortalecer a união.

E o **futuro**, que nos desafia com as suas incertezas, nos anima com a esperança de que o nosso caminhar terreno tem como fim a felicidade plena no Céu, com a certeza de que – como dizia São Josemaria – o caminho para ir para o céu se chama ... (o nome da mulher, ou para ela, o do marido).

Com relação a esta frase do fundador do Opus Dei, aponta Marta Brancatisano: “uma frase simples como esta, dirigida a jovens esposos e pais, tem – a pesar do tom aparentemente romântico – uma profundidade e um sentido inovador que convidam a reflexões quase inesgotáveis. Com essa afirmação, Josemaria Escrivá ultrapassa a colocação que enfoca os deveres conjugais como algo marginal em relação aos deveres para com Deus. Essas palavras são o começo de uma superposição sistemática da relação com Deus e com o cônjuge, no sentido de que já não se pode admitir a hipótese de uma vida cristã plena *a latere* da conjugal (...).

Esta perspectiva lança uma luz nova sobre o matrimônio, sobre o amor humano e sobre a transmissão da vida. Não pressupõe normas novas, mas antes um novo espírito para viver e compreender o valor da vida matrimonial. Desperta a responsabilidade pessoal dos esposos, chamados a saírem do anonimato e serem atores de um história fundamental e insubstituível no plano da Providência, como primeira célula de amor e de vida que revela o rosto do criador”[\[9\]](#).

Esta é a transcendência do amor humano vivido em plenitude, sem reservar nada para nós mesmos, porque sabemos que “no entardecer de nossa vida, seremos julgados pelo amor”, como dizia São João da Cruz.

A vida conjugal está chamada a adquirir *matizes* inesperados que levam a priorizar o casamento acima de quaisquer outras circunstâncias ou realidades, como vocação específica – humana e sobrenatural – para cada um dos chamados a esse estado. Para descobrir estes matizes não é necessário só o amor, mas também o **bom humor**. Diante de erros que nos afastam de uma suposta e inalcançável perfeição; diante das situações adversas ou as pequenas desatenções; ou quando as coisas não saem como planejamos... saber rir de si mesmo, aceitar a crítica construtiva com agradecimento e simpatia ajudam a não cair no *orgulho ferido*, que faz tanto mal a qualquer relação, seja de amizade, filial

ou conjugal.

Bom humor também como fonte de alegria, para saber desfrutar do outro e com o outro: “quando se reconhece o amor como o principal âmbito de doação intersubjetiva – do melhor dom do de si – esse amor adquire imediatamente a força e a beleza de algo sagrado. E esse amor é lúdico, é fonte de alegria. Só na doação do amor, o homem é capaz de pronunciar um *tu* cheio de sentido. Um *tu* que designa o reduto mais sagrado e íntimo da pessoa amada”[10].

Uma alegria que é possível em todos os momentos e circunstâncias da vida, ainda aqueles tão dolorosos que nos afastam do riso, da contemplação da beleza, até da apreciação da bondade como realidade onipresente. Na dor se manifesta a verdade do amor. Como gostava de dizer São Josemaria: “não esqueças que a Dor é a pedra de toque do Amor”[11].

Todos os traços de ajuda mútua, o valor dos pequenos e grandes detalhes, a *delicadeza do bem-querer*, a que se refere o Papa Francisco, o otimismo e o sentido do humor, tudo sem exceção, contribui para tornar patente a maravilha e o assombro diante do outro. Aí estão a grandeza e a beleza do amor conjugal, que tem como consequência direta o bem dos filhos.

Muitas vezes se tem dito: “se o casal está bem, os filhos estão bem”. Pode-se afirmar que o que os filhos mais querem é **ver** o amor – porque o sentem, o palpam – que os pais têm entre si: saber-se seguros, parte de um projeto familiar estável, onde cada um tem o seu lugar e é amado incondicionalmente, pelo fato de ser *filho*. O amor está na base de todo processo educativo, seja familiar ou acadêmico. Por isto, é compreensível que o primeiro ato educativo para cada filho seja o amor de seus pais.

“Ninguém dá o que não tem”, ou seja, se não tenho amor não posso dar amor; porém tampouco posso exigí-lo, e uma educação sem amor despersonaliza, pois não alcança o núcleo central, constitutivo da pessoa. O amor *entre* os pais é *original*: é anterior, é fonte, vai sempre na frente; e *originante* do filho: pro-creador ou, dito com ousadia: co-creador. Por isso, o amor *dos* pais, também é originante *para* o filho, porque põe nele, dentro dele, constitutivamente, a capacidade de amar que é o fundamento da sua *originalidade*, dessa personalidade nova que veio à vida e se desenvolverá, criativamente, na sua biografia.

Fomos criados para doar-nos e, de uma maneira especialíssima, os pais são chamados a mostrar o amor aos filhos. Amor que se expressa, entre outros aspectos, na abertura à vida, que torna possível gerar e educar os filhos, fim próprio do matrimônio; nos

desvelos para que cresçam sadios e seguros; em guiá-los e acompanhá-los na busca da felicidade, respeitando a sua liberdade, que é uma das maiores manifestações de carinho.

Se o amor entre os esposos falha, quebra a ordem natural da entrega recíproca, que tem como *beneficiários* não só os cônjuges, mas os filhos. Toda pessoa merece sentir-se amada com o amor que só ambos os pais – homem e mulher – são capazes de dar e transmitir.

No dia de amanhã os filhos serão chamados a formar uma família, ou ao celibato apostólico ou à vida religiosa; e serão, na maior parte dos casos, aquilo que viram nos seus pais. Hoje educamos não tanto os médicos, engenheiros ou advogados de amanhã, mas homens e mulheres que um dia acolherão a vocação com que Deus os procura: e serão capazes de respeito, amor, generosidade e entrega na medida em que o tiverem visto nos seus pais e compartilhado nas suas famílias.

Olhar o passado com agradecimento, o presente com determinação e o futuro com esperança, ajuda a viver a entrega com plenitude, aceitar a passagem do tempo no vida conjugal com alegria, porque é o sinal de que o amor se desenvolveu com harmonia: tornou possível a transformação, o crescimento e a entrega dos esposos; e se tentou transmitir aos filhos que não precisam de presentes, mas de carinho.

Carolina Oquendo

[1] Código de Direito Canônico, 1638

[2] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, 23

[3] Viktor E. Frankl, *Em Busca de Sentido. Um Psicólogo no Campo de Concentração*

[4] K. Majeres, “Mindfulness Practice for Purity” (<http://purityispossible.com/index.php/mindfulness-as-practice-for-purity>).

[5] Papa Francisco, [Audiência, 13/05/2015](#).

[6] Papa Francisco, [Audiência, 13/05/2015](#).

[7] Papa Francisco, [Audiência, 13/05/2015](#).

[8] Papa Francisco, [Audiência, 13/05/2015](#).

[9] M. Brancatisano, [O Paraíso dos enamorados](#)

[10] PIRFANO LAGUNA, *Iñigo: Ebrietas: El poder de la belleza*. Ed. Encuentro. Madrid, 2012.

[11] São Josemaria Escrivá, *Caminho*, 439